



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS DO SERTÃO  
PEDAGOGIA LICENCIATURA

JEYSABEL PEREIRA DE SOUZA

**O BRINCAR COMO INSTRUMENTO AUXILIAR PARA O ENTENDIMENTO DAS  
EMOÇÕES NA INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Delmiro Gouveia – AL

2022

JEYSABEL PEREIRA DE SOUZA

**O BRINCAR COMO INSTRUMENTO AUXILIAR PARA O ENTENDIMENTO DAS  
EMOÇÕES NA INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Dra. Ana Paula Solino Bastos.

Delmiro Gouveia – AL

2022

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S729b Souza, Jeysabel Pereira de

O brincar como instrumento auxiliar para o entendimento das emoções na infância: experiências de estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental / Jeysabel Pereira de Souza. – 2022.

72 f. : il.

Orientação: Ana Paula Solino Bastos.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Educação. 2. Ensino fundamental. 3. Brincadeiras. 4. Emoções na infância. 5. Doenças psicopatológicas. 6. Estágio supervisionado. I. Bastos, Ana Paula Solino. II. Título.

CDU: 373.22

JEYSABEL PEREIRA DE SOUZA

**O BRINCAR COMO INSTRUMENTO AUXILIAR PARA O ENTENDIMENTO DAS  
EMOÇÕES NA INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Aprovado em 04/10/2022.

Orientador(a): Dra. Ana Paula Solino Bastos.



Documento assinado digitalmente

ANA PAULA SOLINO BASTOS

Data: 08/11/2022 12:07:42-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Solino Bastos  
Orientadora – UFAL/Campus Sertão

**Banca examinadora**



Documento assinado digitalmente

LILIAN KELLY DE ALMEIDA FIGUEIREDO VOSS

Data: 31/10/2022 14:18:48-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss  
Membro Interno – UFAL/Campus Sertão



Documento assinado digitalmente

NOELIA RODRIGUES DOS SANTOS

Data: 27/10/2022 19:26:12-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos  
Membro Interno – UFAL/Campus Sertão

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Solino Bastos  
Orientadora – UFAL/Campus Sertão

Dedico esta pesquisa a todas as crianças que precisam de maior ajuda e apoio das instituições família e escola, principalmente no que se referem as suas emoções e a construção de um espaço de apego seguro. As que não se sentem compreendidas em suas dores, problemas, dificuldades e medos e que não se entendem e se autoconhecem.

A todos os jovens e adultos, que assim como eu, não entendiam os seus sentimentos e emoções durante a infância. Que por muito tempo viveram com o medo da ansiedade ou depressão e que só em sua vida adulta tiveram a chance de entender suas tristezas, dores e frustrações. Não esquecendo os que ainda não tiveram essa chance, mas que poderão ter com a contribuição desta pesquisa.

A todos os educadores, familiares e cuidadores de crianças pequenas e escolares, para que possam ter acesso ao conhecimento e auxiliá-las na superação de seus medos, problemas, dificuldades e necessidades. Podendo respeitá-las, agindo com calma, empatia e oferecendo estratégias para que estas possam aprender a lidar com suas emoções.

Esta pesquisa é para todos os educadores que se preocupam com as necessidades da criança e com a educação ofertada aos seus educandos, construindo assim uma sociedade e um mundo melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

### **A DEUS,**

Por me apresentar e me guiar para este caminho, de educadora, que por muito tempo não imaginei que faria parte da minha vida. Por ter me fortalecido e me permitido chegar até aqui, não me deixando desistir nos momentos de dores, medos e fraquezas.

### **Aos meus pais,**

Por todo apoio e esforço, por toda luta e batalha para dar o sustento para minhas irmãs e eu, nos permitindo estar na escola e seguir sempre em busca da nossa educação. Em especial a minha mãe, que em minha infância frequentou a escola comigo, para que eu fosse capaz de enfrentar os meus medos.

### **As minhas irmãs,**

Por todo incentivo, apoio e ajuda. Em especial a Joicyane Duarte, que sempre me ajudou nos meus trabalhos escolares, me ensinou a ler e escrever e me estimulou a seguir com meus estudos.

### **Aos meus amigos,**

Em especial o meu grande amigo Alvani Ferro, que esteve comigo desde o primeiro dia de aula no curso de pedagogia, me ajudando, dando conselhos e sendo minha dupla de curso inseparável, estando presente em todos os momentos que precisei. Otávio Cardoso, que mesmo não fazendo mais parte de minha vida, me ajudou muito durante minha graduação, me apresentando caminhos importantes e me dando apoio. Andréia Lúcia, Janailsom Nunes e outros tantos amigos que estiveram comigo nessa caminhada. Bruno Alves, que sempre me aconselhou a estudar e orientou sobre os melhores caminhos para seguir. A Catharina Martins, grande amiga que sempre entendeu os meus dias de luta e que sempre acreditou em mim.

### **Ao meu companheiro,**

Helder Araújo, que passou a fazer parte de minha vida próxima a reta final de minha graduação, mas que durante esse tempo esteve sempre ao meu lado, me dando apoio e me ajudando nos meus momentos difíceis. Incentivando-me e acreditando em mim.

### **A minha orientadora,**

Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Solino Bastos, que aceitou me orientar e não se dispôs a me ajudar em um momento importante de minha vida. Aconselhando-me, tirando dúvidas e me mostrando passos a serem seguidos. Por todo subsídio para a construção desta pesquisa e por todo apoio. E todos outros professores que contribuíram para minha graduação, muitos se tornaram fonte de inspiração.

“Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando um outro mundo. Mais rico, mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde de fato vive.” (Marilena Chaui)

“Se a criança não é tratada com amor, mas sim no medo, ela não aprende a amar, ela aprende a se defender.” (Françoise Dolto)

## RESUMO

Esta pesquisa parte de um estudo sobre o uso das brincadeiras nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua funcionalidade para o entendimento das emoções na infância, trazendo como tema “O brincar como instrumento auxiliar para o entendimento das emoções na infância: experiências de estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental”. Tendo como objetivo geral analisar o papel das brincadeiras pedagógicas, desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas possíveis contribuições para o entendimento das emoções na infância. Metodologicamente, a pesquisa proposta é de natureza qualitativa e descritiva. Podendo também ser caracterizada como uma pesquisa aplicada. Foi realizada a observação de crianças, entre 10 e 12 anos, inseridas em uma escola municipal de educação básica, no município de Delmiro Gouveia – AL, por meio do Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental I, ofertado como componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL campus Sertão. A partir dos resultados alcançados, foi possível perceber como as emoções são essenciais para o desenvolvimento de crianças escolares, e como elas podem interferir sobre o sujeito quando não se encontram em perfeito estado, ocasionando doenças psicopatológicas como a ansiedade e a depressão. Também foi possível entender a funcionalidade e importância das brincadeiras, brinquedos e jogos para o reconhecimento e entendimento das emoções, para a possível superação de doenças psicopatológicas e dificuldades de aprendizagens e sua contribuição para o desenvolvimento de características, competências e habilidades básicas essenciais para o crescimento pessoal, social e educacional das crianças. Tendo a brincadeira e a ludicidade como ótimos aliados para que as crianças se autoconheçam e construam sua identidade e personalidade, se inserindo melhor em sociedade e cultura.

**Palavras chaves:** Brincadeiras; Emoções; Doenças psicopatológicas; Desenvolvimento infantil.

## ABSTRACT

This research is based on a study on the use of games in the early years of Elementary School and its functionality for understanding emotions in childhood, with the theme "Playing as an auxiliary instrument for understanding emotions in childhood: internship supervised experiences in the initials of elementary school". Having as a general objective to analyze the role of pedagogical games, developed in the early years of Elementary School and their possible contributions to the understanding of emotions in childhood. Methodologically, the proposed research is qualitative and descriptive. It can also be characterized as applied research. The observation of children, between 10 and 12 years old, inserted in a municipal school of basic education, in the municipality of Delmiro Gouveia - AL, through the Supervised Internship III - Elementary School I, offered as a mandatory curricular component of the Pedagogy Course was carried out. from the Federal University of Alagoas – UFAL campus Sertão. From the results achieved, it was possible to perceive how emotions are essential for the development of school children, and how they can interfere with the subject when they are not in perfect condition, causing psychopathological diseases such as anxiety and depression. It was also possible to understand the functionality and importance of plays, toys and games for the recognition and understanding of emotions, for the possible overcoming of psychopathological diseases and learning difficulties and their contribution to the development of characteristics, skills and basic skills essential for growth. children's personal, social and educational. Having play and playfulness as great allies for children to know themselves and build their identity and personality, inserting themselves better in society and culture.

**Keywords:** Games; Emotions; Psychopathological diseases; Child development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Roleta Numérica .....	47
Figura 2 - Criança brincando com Roleta Numérica .....	48
Figura 3 - Criança brincando da dinâmica Cobra-cega.....	51
Figura 4 - Circuito "O que penso sobre o bullying!" .....	55
Figura 5 - Crianças brincando com circuito "O que penso sobre o bullying!" .....	55

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AL** – Alagoas

**APA** – American Psychology Association

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**CID-10** – Classificação Internacional de Doenças 2010

**COVID-19** – Corona Vírus Disease 2019

**DCNEI** – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

**FOB-USP** – Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo

**IPGS** – Instituto de Pesquisas Ensino e Gestão em Saúde

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**PR** – Paraná

**SAEB** – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

**TAG** – Transtorno de Ansiedade Generalizada

**TAS** – Transtorno de Ansiedade Social

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**TDAH** – Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

**UFAL** – Universidade Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>13</b>
<b>O papel das emoções na formação do sujeito: Conceitos, características e impactos</b> .....	<b>17</b>
Fundamentações e características das emoções na infância: As consequências das emoções negativas sobre a criança e a decorrência da ansiedade e depressão.....	17
As emoções e o rendimento escolar: Entendendo como a ansiedade e a depressão interferem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças escolares. ....	25
A família e a infância: Analisando as relações familiares em diálogo ao desenvolvimento das crianças e das emoções. ....	28
O papel das brincadeiras para o entendimento das emoções, o autoconhecimento e a aprendizagem infantil. ....	33
<b>Metodologia</b> .....	<b>37</b>
Características e contextualização da pesquisa: Organização do Estágio Supervisionado	37
Contextualização do nível de ensino. ....	39
Descrição do Campo de Estágio.....	40
Proposta Didático-Pedagógica. ....	41
<b>Análise dos dados</b> .....	<b>44</b>
As brincadeiras e o desenvolvimento infantil. ....	44
<i>Roleta numérica</i> .....	46
<i>Cobra-Cega</i> . ....	49
<i>Circuito “O que penso sobre o Bullying”</i> .....	54
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>59</b>
<b>Referências</b> . ....	<b>64</b>
<b>Apêndices</b> . ....	<b>67</b>

## 1- INTRODUÇÃO

A ansiedade e a depressão são doenças psicopatológicas que estão cada vez mais sendo vistas e presentes em nossa sociedade. Com o acesso ao conhecimento, crianças, adolescentes e adultos estão dando de cara com essas doenças e reconhecendo-as, percebendo a manifestação de sintomas de formas variadas. O que nos traz a necessidade de uma maior atenção e observação sobre a presença das mesmas, principalmente na infância. De acordo com Cruvinel e Boruchovitch (2003, p. 80) “a incidência de problemas emocionais, mais especificamente depressão, ocorrem com certa frequência em crianças de séries escolares iniciais e normalmente estão associados a outras dificuldades de comportamento ou acadêmicas”. Na atual sociedade em que vivemos, olhar para nossos sentimentos e emoções está para além de uma forma de autocuidado, sendo sinônimo de bem-estar e saúde. Diante dos problemas e dificuldades, buscar soluções como novas atividades para o bem estar e o acesso às terapias, nos possibilita adquirir diversos benefícios. Além de construir um espaço seguro para que possamos explorar nossos pensamentos, sentimentos e emoções.

Observar, investigar, buscar um diagnóstico e tratar essas doenças ainda na infância é de total importância, pois, muitas vezes, os casos de ansiedade e depressão presentes em adultos são consequências de experiências, necessidades e traumas existentes ainda na infância. Além disso, contrariando o que muitos da sociedade pensam a infância não é uma fase formada apenas por diversões e alegrias. Assim como o adulto, as crianças também possuem problemas e dificuldades que precisam ser solucionadas e superadas, podendo, até mesmo, encontrarem mais dificuldades quanto aos problemas resultantes de doenças como a ansiedade e depressão, pois de acordo com Calderaro e Carvalho (2005) os sintomas apresentados pela criança manifestam-se muitas vezes de forma mascarada, diferindo dos apresentados pelo adulto. Ainda com base nas autoras, esse fator pode dificultar na realização de um possível diagnóstico, pois em determinadas fases, as crianças ainda não possuem forte domínio sobre a linguagem, encontrando maiores obstáculos para expressarem e entenderem suas emoções e sentimentos, não sendo capazes de identificar ou nomear seus sintomas.

Com base nessas discussões, esta pesquisa consiste no trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “O brincar como instrumento auxiliar para o entendimento das emoções na infância: Experiências de estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.”, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão.

O objeto de estudo abordado se tornou de meu interesse após tomar conhecimento do curso “nutrição na depressão, ansiedade e distúrbios de sono”, realizado pela Dra. Luciana

Belpiede, disponível na plataforma digital IPGS cursos. Através de aulas *on-lines*, os conteúdos nos remetem a importância da alimentação para a superação da ansiedade e depressão. Ao analisar o tema acreditei ser importante trazer o mesmo para a área pedagógica, relacionando-o com a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil.

Esta problemática me interessa, porque além de estar inserida na área pedagógica, os assuntos “ansiedade e depressão” ainda possuem diversos tabus, principalmente na infância. Uma vez que crianças são muitas vezes associadas a seres despreocupados e felizes, que não possuem problemas e dificuldades, ou até mesmo sendo taxadas de “danadas”, “desobedientes”, “inquieta”, “mal educadas”, entre outras definições quando apresentam os sintomas de doenças psicopatológicas. Em muitos casos, com pensamentos e crenças antigas, alguns adultos ainda chegam a tratar a criança doente como “louca”, “retardada” ou “maluca”, não dando a devida atenção ao que é associado à saúde mental. Sendo assim, faz-se necessário a busca de maiores informações sobre esses distúrbios e doenças tanto por parte dos educadores como por parte da família.

Outro ponto que me desperta o interesse sobre esse objeto de estudo é o fato de ter convivido com o transtorno de ansiedade na infância e só ter entendido minhas experiências após ingressar no curso de licenciatura em pedagogia. O que faz com que eu sinta a necessidade de ajudar outras crianças a compreenderem o que se passa em suas vidas, instruindo os pais para que possam auxiliar os seus filhos na superação de aparentes “dificuldades” e levando possíveis colaborações para os profissionais da educação. Com isto, é importante analisar como a escola pode ser essencial ao combate dessas doenças psicopatológicas ainda na infância e o seu papel quanto à superação de problemas causados pelos transtornos mentais no sistema de ensino vivido por essas crianças.

Além disso, o fornecimento e o acesso à informação são essenciais para a identificação de doenças e dificuldades vividas pela criança, permitindo a busca por tratamentos adequados e evitando problemas futuros. De acordo com Estanislau e Bressan (2014, p. 16):

A capacitação de comunidades e indivíduos por meio da informação e do desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais é exemplo de ação promotora de saúde. A informação é uma das bases para a tomada de decisão e leva a autonomia por meio do empoderamento, combatendo, assim, a impotência.

Dessa forma, buscar conhecimento sobre as emoções, principalmente quando elas interferem sobre nossas relações, interações e desenvolvimento, como acontece com a

ansiedade e a depressão, é permitir que crianças e adolescentes possam crescer de forma saudável, tornando-se adultos bem sucedidos na busca de sua melhor versão.

A partir dessas discussões, este estudo tem como ponto de partida o seguinte problema: Como as brincadeiras pedagógicas podem ajudar as crianças a compreenderem suas emoções e a superar possíveis problemas e dificuldades de ansiedade e depressão?

Com isso, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel das brincadeiras pedagógicas, desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas possíveis contribuições para o entendimento das emoções na infância. Como objetivos específicos, têm-se:

- ✓ Compreender as emoções na infância e seus conceitos, as características da ansiedade e depressão na criança e seus impactos sobre o rendimento escolar da mesma;
- ✓ Discutir a importância das brincadeiras e jogos como atividades fundamentais para o desenvolvimento infantil;
- ✓ Analisar o desenvolvimento de brincadeiras e jogos em sala de aula, com crianças do Ensino Fundamental I e suas possibilidades para o autoconhecimento e reconhecimento infantil, das emoções e sentimentos e superação da ansiedade e depressão.

Metodologicamente, essa pesquisa parte de um estudo qualitativo sobre os transtornos de ansiedade e depressão que serão pontualmente analisados no decorrer de três seções, desenvolvidas com base nas experiências de Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental I, realizado em uma Escola Municipal de Educação Básica em Delmiro Gouveia - AL. Esse Estágio consiste em uma disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL campus Sertão, utilizada como componente obrigatório para conclusão do curso.

Na segunda seção intitulada “O papel das emoções na formação do sujeito: Conceitos, características e impactos”, buscamos analisar do que se tratam as emoções e como elas podem ser essenciais para o desenvolvimento da criança. Ainda nessa seção, foi feita uma breve abordagem sobre o desenvolvimento de doenças psicopatológicas como a ansiedade e depressão, quando as emoções não se encontram em perfeito estado.

Na terceira seção foram apresentadas as experiências do Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental I, realizado na Escola Municipal de Educação Básica supracitada, em que foi analisado todo o processo de realização e desenvolvimento do mesmo. Os planos de ensino foram desenvolvidos com base nas necessidades apresentadas pelas crianças

pertencentes à turma do 5<sup>a</sup> ano A, em que as mesmas apresentavam dificuldades para a socialização, autoconhecimento e aprendizagens. Abordamos também a importância desse estágio para a formação vivida no curso da pedagogia, apresentando os contextos das experiências, da escola, da turma e da pesquisa aplicada, com base no relatório final redigido pelos estagiários.

Por último, na quarta seção, apresentamos os resultados e relatos de experiências ocasionados pelas práticas realizadas ao longo do estágio supervisionado, desenvolvidos para uma turma do 5<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental da escola mencionada anteriormente. O projeto de estágio foi elaborado a partir da necessidade e importância da inserção de atividades lúdicas, dinâmicas e interativas em sala de aula. Além de ser pensado com o intuito de observar o desenvolvimento das emoções dos alunos. A seção consiste em um diálogo com o uso das brincadeiras e jogos pelas crianças, tendo em vista as fundamentações, características e importâncias apresentadas ao longo do trabalho.

## **2- O PAPEL DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E IMPACTOS**

A emoção é uma reação a um estímulo ambiental e cognitivo que pode provocar sobre o nosso corpo sensações agradáveis ou desagradáveis. Para a Psicologia, ela está ligada aos nossos sentimentos, pensamentos e ações, nos fornecendo informações dentro do nosso corpo. Sendo assim essencial para o ser humano.

No entanto, nem sempre as nossas emoções se encontram em perfeito estado. A partir das respostas rápidas que o nosso corpo produz com as emoções em diversas situações, como as de risco, podemos internalizar uma grande onda de sentimentos desagradáveis quando enfrentamos muitos problemas e dificuldades, o que muitas vezes causam doenças psicopatológicas, como a ansiedade e a depressão. De acordo com Castillo et al. (2000, p. 20) “em crianças, o desenvolvimento emocional influi sobre as causas e a maneira como se manifestam os medos e as preocupações tanto normais quanto patológicos”, podendo interferir no desenvolvimento do sujeito.

Com isso, a seguir buscaremos analisar do que se tratam as emoções e como elas podem ser essenciais para o desenvolvimento da criança. Faremos também uma breve abordagem sobre o desenvolvimento de doenças psicopatológicas, como a ansiedade e depressão, suas características e impactos sobre o rendimento escolar, a partir da interlocução de autores das áreas de Psicologia, Psicopedagogia e Pedagogia. Discutiremos também a importância das brincadeiras e jogos como atividades fundamentais para o desenvolvimento infantil e para o entendimento das emoções na infância.

Essa seção foi utilizada com um caráter informativo, fazendo um maior uso de citados, já que não é função do pedagogo conceituar, definir e diagnosticar doenças psicopatológicas, pois os mesmos não possuem especialidade sobre a temática. A mesma ainda possui outras quatro subseções, que abordam temas mais específicos sobre o assunto ressaltado.

### **2.1. Fundamentações e características das emoções na infância: As consequências das emoções negativas sobre a criança e a decorrência da ansiedade e depressão**

Ao falarmos em infância, desenvolvimento e aprendizagem, com base em estudos de Cruvinel e Boruchovitch (2003) podemos notar que uma temática pouco analisada e discutida, especialmente por pais e profissionais da educação, é a importância das emoções para o desenvolvimento infantil. Durante muito tempo, as emoções foram um assunto deixado de

lado no que se refere às aprendizagens e conhecimentos oferecidos às crianças, em que era ofertada em sala de aula uma educação tradicional, visando à memorização e reprodução de saberes. Com os novos métodos de ensino e conhecimentos introduzidos na educação ao longo dos anos, passamos a entender que a criança não tem um cérebro “maduro” para traduzir em palavras os seus sentimentos e emoções. De acordo com Piaget (2011, p. 14) “o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado”. Entendemos através do autor, que a criança desenvolve a maturação do seu pensamento e sua linguagem a partir dos seus estágios de desenvolvimento, através da sua relação com o meio. Fazendo assim com que a mesma ainda não entenda do que se tratam as suas emoções e sentimentos e não os reconheçam em suas fases que antecedem o aprimoramento de sua linguagem e maturação. Tornando o adulto uma fonte de auxílio para a descoberta dos mesmos. De acordo com Vygotsky (1991) a linguagem surge a partir de um meio de comunicação entre a criança e as pessoas de seu ambiente, podendo organizar o pensamento da criança somente após a sua conversão em fala interior. É a partir desse processo de cooperação que a criança terá a base para o desenvolvimento do seu julgamento moral, sendo capaz de estabelecer o seu pensamento. Para ele “as interações entre a criança e as pessoas no seu ambiente desenvolvem a fala interior e o pensamento reflexivo, essas interações propiciam o desenvolvimento do comportamento voluntário da criança. (VYGOTSKY, 1991, p. 60).

Mas afinal, será que até nós, adultos com cérebros “maduros”, sabemos de fato do que se tratam as emoções e como elas são fundamentais para o funcionamento da mente e do corpo? Ou apenas sentimos e desconhecemos suas funcionalidades e conceituações? Roazzi et al. (2011, p. 52) discutem que:

À primeira vista há um entendimento entre as pessoas do que seja emoção, no entanto, ao ter que defini-la percebe-se que esta não é uma tarefa fácil. Além disso, embora várias pessoas utilizem a mesma palavra numa tentativa de definição, não significa que o entendimento seja o mesmo entre elas.

Os autores afirmam que, como consequências destas dificuldades, o conhecimento das emoções torna-se parcial e fragmentado, fazendo com que muitas questões se encontrem em aberto. Com base em estudos, os autores nos mostram que por motivos como as modificações nas formas de expressões ao longo da vida, as diferenças de contextos sócio-culturais e momentos históricos, e os diversos significados que atribuímos ao emocional, pouco se sabe

sobre as emoções e suas definições. Em uma tentativa de conceituação, Roazzi et al. (2011, p. 53) abordam que:

Damáσιο (2004) classifica as emoções em três categorias: emoções de fundo, primárias e sociais. As emoções de fundo são aquelas em que o sujeito tem a capacidade de decodificá-las rapidamente em diferentes contextos, sendo elas agradáveis ou desagradáveis. As emoções primárias ou universais são facilmente identificáveis entre seres de uma mesma espécie, como, por exemplo, raiva, tristeza, medo, zanga, nojo, surpresa, felicidade. E finalmente, as emoções sociais ou secundárias que, de acordo com Damásio, são influenciadas pela sociedade e cultura, como a vergonha, o ciúme, a culpa, compaixão, embaraço, simpatia, orgulho.

Diante o citado, notamos que de fato as emoções estão presentes na vida humana, agindo não somente sobre os sentimentos e o emocional como também sobre nossas ações. É a partir do desenvolvimento emocional que o sujeito sente, entende e diferencia emoções complexas, se adaptando ao ambiente social e atingindo metas. No que se refere à importância das emoções nas representações sociais, com base em Moscovici (2000), Roazzi et al. (2011, p. 53), relatam que “todas as nossas experiências afetivas expressas em condutas, respostas corporais e verbais são consequência não de uma excitação exterior, mas sim da representação que construímos dela.” Tornando assim as emoções indispensáveis para a mobilização de pessoas, para a criação de vínculos e para a representação do futuro. Os autores com base em Harris (1996) apresentam que as emoções também podem ser divididas entre simples e complexas:

As emoções de raiva, medo, tristeza e alegria teriam expressões faciais mais facilmente reconhecíveis, sendo consideradas emoções simples. Crianças a partir de quatro ou cinco anos seriam capazes de indicar situações apropriadas para essas emoções. Já as emoções complexas não teriam uma figura facial ou expressões comportamentais tão óbvias como vergonha, orgulho e culpa. E apenas aos sete anos as crianças começariam a identificar estas emoções. Nessa idade a criança percebe que as pessoas em sua volta são afetadas emocionalmente por eventos externos e não somente pelas consequências de suas ações. Deste modo, o seu campo de visão é ampliado e a aprovação ou desaprovação social passam a ser mais consideradas. (ROAZZI et al., 2011, p. 53).

No entanto, ainda com base em estudos realizados por Roazzi et al. (2011), confirmamos o fato de que nem sempre as crianças sabem decifrar e entender as emoções vivenciadas. Para os autores, somente com o avanço da idade as crianças vão desenvolvendo um conceito mais elaborado sobre as emoções, podendo vivenciá-las e considerá-las de formas mais específicas. Em muitos casos, ainda com a falta de entendimento sobre as emoções, as crianças podem acabar criando uma visão distorcida sobre a realidade existente e

obtendo um mau funcionamento sobre o desenvolvimento emocional a partir de emoções negativas. Por sua vez, as emoções negativas, ocasionadas a partir de fatores internos ou externos, podem ser responsáveis desenvolver nos sujeitos doenças psicopatológicas e seu agravamento. De acordo com Nakamura e Santos (2007), os problemas que configuram as doenças psicopatológicas, como por exemplo, a depressão, “correspondem, respectivamente, a noções relacionadas ao mau funcionamento das crianças e de insatisfação, intolerância e infelicidade dos adultos ante a vida e seus acontecimentos”. (NAKAMURA; SANTOS, 2007, p. 59). Com isso, para entendermos o proposto por esta pesquisa, discutiremos sobre as fundamentações e características da ansiedade e depressão na infância. Tendo em vista não só a conceitualização, como também a manifestação e a definição dos sintomas.

Apesar dos estudos científicos já existentes dentro do assunto “ansiedade e depressão”, esse tema ainda apresenta diversos tabus e pré-conceitos baseados em hipóteses e crenças por parte de um grande número de pessoas na atual sociedade em que vivemos. Em diversos casos, com a falta de um conhecimento mais detalhado, pessoas chegam a conviver com transtornos de ansiedade e depressão sem que ao menos percebam. De acordo com Estanislau e Bressan (2014, p.27), “os transtornos mentais são condições muito variáveis. Por exemplo, algumas pessoas podem vivenciar um transtorno mental e mesmo assim continuar levando sua vida de maneira produtiva”. Os autores ainda afirmam que isso acontece em casos de transtornos de ansiedade menos intensos ou em alguns casos de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), que fazem com que a pessoa aprenda a se adaptar aos sintomas. Ainda, com base em crenças, em séculos passados poucos estudos eram realizados sobre doenças psicopatológicas como a ansiedade e depressão na infância, pois se acreditava que somente os adultos possuíam problemas. De acordo com Antunes et al. (2016) em meados de 1970, por ser considerado que as crianças apresentavam em sua estrutura uma personalidade imatura, acreditava-se que elas não poderiam se deprimir. Com isso, “existia uma tendência subjetiva de se excluir as crianças de diagnósticos relacionados a transtornos de humor, já que era natural se pensar na infância como um período feliz, livre de preocupações ou de responsabilidades” (GOMES; BARON; ALBORNOZ; BORSA, 2013; SCIVOLETTO; TARELHO, 2002, *apud* ANTUNES *et al.*, 2016, p. 158).

Ao contrário do que muitos pensam com essa ideia de que a infância é uma fase apenas de felicidades e diversões, as crianças, assim como os adolescentes e adultos, também estão vulneráveis a desenvolver os transtornos de ansiedade e depressão. Estanislau e Bressan (2014, p. 102), apresentam que “de acordo com pesquisas realizadas na área, os transtornos de ansiedade estão entre os problemas emocionais mais comuns na infância, iniciando-se

geralmente entre os 8 e os 9 anos de idade e afetando até 27% das crianças”. Sendo mais comuns os transtornos de ansiedade social e ansiedade generalizada, que de acordo com esses autores atingem cerca de 10 a 15% das crianças. Ainda, em uma pesquisa realizada sobre essa temática, Enumo, Ferrão e Ribeiro (2006, p. 140) afirmam que:

Segundo Rutter (1989), desde 1920 já foram encontrados padrões de comorbidade entre saúde física fraca e problemas psicológicos ou educacionais na Inglaterra. No primeiro estudo epidemiológico em 1958, identificou-se alta frequência de problemas emocionais e comportamentais em crianças entre seis e doze anos, como sintomas de desatenção, hiperatividade, depressão e comportamentos desviantes, associados a problemas emocionais e à leitura.

Além disso, sendo um assunto cada vez mais preocupante entre os profissionais da saúde, “estudos epidemiológicos sobre transtornos psiquiátricos na infância e adolescência mostram que a grande maioria dos transtornos, observados separadamente, afetam pelo menos 1% da população infantil, exceto estresse pós-traumático, autismo e síndrome de La Tourette”. (SANTOS, 2006, p. 316). De acordo com Santos (2006) em alguns casos a incidência passa de 10%, podendo chegar até 30%, como em casos de transtorno de comunicação e de aprendizagem. O que nos confirma que assim como os adultos, as crianças também possuem problemas e dificuldades que precisam ser analisados, entendidos e solucionados. Pois, aproximadamente “5% de crianças e adolescentes da população em geral sofrem de depressão em algum momento. Crianças sob estresse, que tenham vivido experiências ruins ou que tenham distúrbios de atenção, aprendizagem, conduta ou ansiedade, têm grandes riscos para depressão.” (RODRIGUES et al., 2016, p. 865).

Com isso, o transtorno de ansiedade pode ser caracterizado como preocupações intensas e medo de algo que ainda não aconteceu, o medo de eventos futuros. Podendo ainda ser considerado como uma tentativa do cérebro de prever supostas situações que coloquem a vida em perigo. A ansiedade é dividida em duas classificações: a normal, que é temporária e se manifesta a partir de problemas reais, e a patológica, que se manifesta através de suposições, com problemas possíveis, mas improváveis de acontecer, se tornando permanente na vida do indivíduo. Nessa pesquisa, nos basearemos na ansiedade patológica, pois nesta o medo causa respostas inadequadas sobre o indivíduo, o que pode levar a um grande sofrimento e prejuízos para o trabalho normal do corpo, gerando o adoecimento. Esse tipo de ansiedade por sua vez, pode ser dividido em outras classificações, são elas: ansiedade generalizada, fobia social, fobias específicas, transtorno de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo e o transtorno de estresse pós-traumático. Em todas essas situações, os sintomas e

as respostas inadequadas afetam o funcionamento cotidiano do sujeito. Neste ponto, nossa análise terá maior enfoque no Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e na fobia social ou Transtorno de Ansiedade Social (TAS), por serem os tipos de ansiedade mais comuns e frequentes em crianças, adolescentes e adultos.

O Transtorno de Ansiedade Generalizada pode ser caracterizado como a ansiedade intensa e permanente que se manifesta através do medo, de preocupações excessivas e expectativas apreensivas, interferindo em atividades diárias e causando sofrimento emocional. De acordo com Castillo et al. (2000, p. 21):

As crianças com TAG apresentam medo excessivo, preocupações ou sentimentos de pânico exagerados e irracionais a respeito de várias situações. Estão constantemente tensas e dão a impressão de que qualquer situação é ou pode ser provocadora de ansiedade. São crianças que estão sempre muito preocupadas com o julgamento de terceiros em relação a seu desempenho em diferentes áreas e necessitam exageradamente que lhes renovem a confiança, que as tranquilizem.

Dessa forma, crianças que convivem com TAG passam a buscar por uma aprovação constante, podendo tornar-se inseguras e perfeccionistas, o que por sua vez pode vir a interferir em seu desempenho escolar e em todo o seu desenvolvimento.

De acordo com Isolan; Pheula e Manfro (2007, p. 126):

O Transtorno de Ansiedade Social (TAS), também conhecido como fobia social, é um transtorno de ansiedade caracterizado por medo acentuado e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo é exposto a pessoas estranhas ou ao possível escrutínio por outras pessoas (APA, 2000). O indivíduo teme agir de um modo que lhe seja humilhante ou embaraçoso e as situações fóbicas são evitadas ou enfrentadas com intensa ansiedade e sofrimento (APA, 2000).

Seguindo o citado, os autores ainda afirmam que o TAS é um transtorno psiquiátrico comum na infância e na adolescência. O mesmo tem sido associado a importantes prejuízos sociais, ocupacionais e familiares, podendo desenvolver na criança a depressão e outros transtornos.

Por sua vez, a depressão pode ser considerada como uma condição que vai além da tristeza, causando sintomas duradouros e intensos que alteram sentimentos, pensamentos e comportamentos de forma negativa. Holmes (1997, *apud* RIBEIRO et al. 2007, p. 418) aborda que:

A depressão é caracterizada como um transtorno de humor, porém ela abrange fatores cognitivos, comportamentais, fisiológicos, sociais, econômicos e religiosos,

entre outros, estando presente em diversos distúrbios emocionais. Pode aparecer como um sintoma de determinada doença, ora coexistir junto com outros estados emocionais e outras vezes aparecer como causa desses sofrimentos.

Os autores ainda apresentam através de citados sobre Lafer e Amaral (2000) que a depressão “é uma sensação inalterável e durável no qual a pessoa se sente sem valor, o mundo não tem significado e se acredita que não há esperança para o futuro.” (RIBEIRO et al., 2007, p. 418). Assim como no transtorno de ansiedade, na depressão os sintomas também podem trazer respostas prejudiciais para a vida de quem convive com a doença, chegando a interferir nas atividades do dia-a-dia, levando a uma alteração constante de humor e ao adoecimento. Com isso:

A depressão pode ser vista como um mal que se enraíza no “eu” do indivíduo, bloqueando suas vontades e dirigindo de forma negativa o curso de seus pensamentos, interferindo no seu autoconceito, prejudicando o sujeito tanto no contexto psicossocial como individual. (COUTINHO, 2005, *apud* RIBEIRO et al., 2007, p. 418).

Fatores como a genética, fatores ambientais, padrões de raciocínio, situações estressantes, contexto familiar conturbado, entre outros, são as principais causas que elevam as chances do desenvolvimento dessa doença.

Biazus e Ramires (2012, p. 84) confirmam que “no que tange à etiologia da depressão na adolescência, sabe-se que ela é influenciada por múltiplos fatores biológico-genéticos, psicológicos e sociais”. Com base em Bahls e Bahls (2002), Biazus e Ramires (2012) destacam que a partir dos componentes genéticos a presença de depressão familiar aumenta o risco de depressão na infância ou adolescência em pelo menos três vezes. Ainda, a depressão pode ocorrer em qualquer momento da vida e a forma de expressá-la pode variar dependendo da idade, porém na maioria dos casos o diagnóstico é feito durante a adolescência e a fase adulta. Quando não tratada adequadamente, a depressão está associada ao maior risco de suicídio no mundo e os sintomas variam entre psiquiátricos e físicos. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS):

As taxas de suicídio entre 5-14 anos são de 1,5:100.000 em meninos e 0,4:100.000 em meninas e na faixa de 15-24 anos, 22:100.000 para o sexo masculino e 4,9:100.000 para o feminino. Nos últimos 50 anos, estas taxas aumentaram entre os mais jovens em relação aos mais velhos. Estes valores não contabilizam tentativas de suicídio, apenas óbitos reportados. Estima-se que o impacto dos atos suicidas, particularmente em adolescentes, seja consideravelmente maior do que os números relatados 5-7. (SCIVOLETTO; BOARATI; TURKIEWICZ, 2010, p. 113).

Dessa forma, para a identificação desses transtornos durante a infância, o conhecimento mais aprofundado se torna indispensável. Em muitos casos, os sintomas chegam a ser confundidos com o de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), pois as crianças apresentam reações como: birra, embotamento afetivo, distúrbios de sono e terrores noturnos, dificuldade de comunicação, rebeldia, dificuldade na escola, agitação, além de alterações no apetite, pouco desenvolvimento físico, enuresia e encoprese, desmotivação, tristeza, etc. Ainda podem surgir sintomas como “humor irritadiço ou instável, indiferença afetiva, tédio, tristeza e choros constantes, descritos na Classificação Internacional das Doenças CID-10 (Organização Mundial da Saúde, 1993), bem como, sintomas somáticos como dores de cabeça, musculares e abdominais”. (ANTUNES et al., 2016, p. 160). Sendo esses alguns dos sintomas depressivos na infância, Calderaro e Carvalho (2005, p. 185) também destacam que:

Algumas crianças, além dos conflitos depressivos, manifestaram também outros núcleos psicopatológicos, que foram analisados. Os sintomas que apareceram em ordem de maior ocorrência foram: comportamento ambivalente, agressividade, indisciplina, problemas recorrentes de saúde, dificuldades na aprendizagem, distúrbios do sono, exposição a fatores de risco, comportamento retraído, enurese, mudança súbita no comportamento, atraso na linguagem, auto-agressividade, auto-estima rebaixada, hiperatividade, ansiedade, distúrbios alimentares, irritabilidade, presença constante de escoriações pelo corpo, cefaléia e comportamento bizarro.

De acordo com os autores, esses sintomas podem variar de acordo com a faixa etária da criança, o que torna importante que a maturação das diferentes fases do desenvolvimento das crianças seja considerada. Além disso, como a criança ainda não é “capaz de descrever seus sentimentos verbalmente, é necessário observar as formas de comunicação pré-verbal, tais como a expressão facial, produções gráficas, súbitas mudanças de comportamento e postura corporal, entre outras”. (BAPTISTA; GOLFETO, 2000, *apud* CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 182).

Dessa forma, o conhecimento aprofundado sobre as doenças psicopatológicas e a observação cautelosa e atenciosa do adulto sobre a criança é de extrema importância e necessidade, pois os sintomas e reações presentes na ansiedade e depressão infantil são variados. Sendo essencial observar e considerar cada sintoma isoladamente, analisando sua conjunção e duração. As crianças precisam ser cuidadas de acordo com o seu período de desenvolvimento, a infância. Sendo assim, Calderaro e Carvalho (2005) nos trazem através de diversos autores que não devemos tratar as crianças como adultos em miniaturas, que precisamos respeitar e considerar as particularidades próprias da infância, pois “a depressão

não é doença apenas na criança quieta e desanimada; as manifestações da doença podem estar também na criança agressiva e hiperativa.” (CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 182). O que nos alerta para a importância de olhar para a criança com maior atenção, independente de suas características ou particularidades enquanto sujeito social.

## **2.2. As emoções e o rendimento escolar: entendendo como a ansiedade e a depressão interferem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças escolares**

No que diz respeito à educação na infância, sabemos o quanto as emoções são importantes para que crianças se desenvolvam e adquiram aprendizagens em sala de aula. Ao fazer atividades em que se sente bem, a criança acaba realizando melhor as suas atividades, tendo um maior aproveitamento de experiências e conteúdos. No entanto, além de afetar o desenvolvimento físico e emocional, os sintomas da ansiedade e depressão na infância acabam também influenciando de forma negativa sobre o rendimento escolar de crianças que convivem com essas doenças, podendo fazer com que elas desenvolvam também dificuldades em sala de aula. “A incidência de problemas emocionais, mais especificamente depressão, ocorrem com certa frequência em crianças de séries escolares iniciais e normalmente estão associados a outras dificuldades de comportamento ou acadêmicas”. (CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2003, p. 80). Cruvinel e Boruchovitch (2003) destacavam que não se pode considerar os problemas psicológicos infantis como um fenômeno transitório ou sem gravidade, pois a partir dessas dificuldades as crianças podem apresentar grande estabilidade temporal, o que afeta todo o seu processo de desenvolvimento de forma negativa. No que se refere ao desenvolvimento em sala de aula, Estanislau e Bressan (2014) afirmam que os principais problemas percebidos são alterações de comportamento e dificuldades de aprendizagem. Para eles, esses problemas acabam se relacionando, pois a criança que não consegue acompanhar o conteúdo tem maior tendência a ficar dispersa e está mais propensa a desenvolver comportamentos inadequados. Acontecendo também o inverso, já que crianças com problemas de comportamento acabam tendo maior dificuldade para absorver os conteúdos, resultando em um desempenho a baixo do esperado pelo mediador.

Com base em um estudo realizado por Colbert e cols. (1982), em que foram avaliadas 282 crianças de 6 a 14 anos de idade, em que 54% das crianças avaliadas possuíam depressão, Cruvinel e Boruchovitch (2003) destacam que mesmo possuindo capacidade intelectual, crianças que convivem com a depressão apresentam um baixo rendimento escolar. Os autores consideram que essas dificuldades de aprendizagens podem estar associadas e ser resultantes

de sintomas como a falta de energia, da falta de concentração e de outros sintomas depressivos. Com isso podemos associar as doenças a casos de transtornos de aprendizagens em crianças escolares. De acordo com Rodrigues et al. (2016, p. 865) “a inabilidade de ler e compreender é um dos maiores obstáculos para a aprendizagem, com graves consequências educacionais, sociais e emocionais, sendo associada a variados níveis de ansiedade e depressão”. Ainda, Rodrigues et al. (2016, p. 866) afirmam que:

A depressão pode influenciar no desempenho escolar na medida em que prejudica autoeficácia da criança, ou seja, quando em processo depressivo, a criança não consegue acreditar no próprio desempenho, tendendo a apresentar rendimento acadêmico ainda mais baixo, agravando assim a depressão, e quanto maior o número de sintomas de depressão, menor é uso de estratégias de aprendizagem.

Os autores concluíram através de um estudo, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP), realizado com crianças regularmente matriculadas no ensino fundamental de instituições públicas, que crianças com baixo desempenho escolar apresentam um maior número de sinais preditores para depressão. Sendo o número de participantes do gênero masculino maior que o número feminino, o que sobreleva o número de meninos com transtornos de aprendizagem. No entanto, as meninas tendem a possuir mais sintomas depressivos.

As crianças escolares, que apresentam sinais de ansiedade e depressão, se encontram em um constante sentimento de cobranças e culpas. Essas crianças se comparam em relação aos colegas, adquirindo o pessimismo sobre o futuro, acreditando a todo o momento que coisas ruins podem acontecer, com a crença de que as coisas para elas nunca darão certo, através da preocupação frequente. Além disso, “sentimentos de impotência, tristeza e desajuste com o meio, na infância tendem a ter consequências preocupantes no desenvolvimento cognitivo, afetivo e comportamental desses sujeitos, como baixo desenvolvimento escolar e dificuldade em socialização”. (RIBEIRO et al., 2007, p. 426). O que resulta em maiores prejuízos no desempenho escolar de crianças que convivem com esses sentimentos depressivos. Esses prejuízos acabam comprometendo a auto-estima das crianças, fazendo com que as mesmas diminuam a confiança em si mesmo e criem o sentimento de inferioridade e inutilidade. Levando por sua vez a um isolamento social e até mesmo a transtornos de conduta, fazendo com que elas percam o interesse por atividades que antes eram classificadas como interessantes. “Sommerhalder e Stela (2001) descrevem que, na criança deprimida, as funções cognitivas como atenção, concentração, memória e raciocínio

encontram-se alteradas, o que interfere no desempenho escolar”. (CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2003, p. 80). Isso acontece com maior frequência na criança deprimida, pelo fato dela apresentar mais desinteresse pelas atividades desenvolvidas em sala de aula, tendo grande dificuldade em manter a atenção nas tarefas, o que acaba interferindo em sua aprendizagem.

Infelizmente, quando estas apresentam sinais da ansiedade e da depressão em sala de aula, alguns profissionais da educação acabam associando os sintomas a outros fatores, por motivos como a falta de conhecimento, falta de formação continuada e de estudos adequados acerca desse tema. É importante salientar que no ambiente escolar os sintomas de ansiedade e depressão podem se manifestar de diferentes formas. Pensando nisso:

O professor deve estar alerta a alguns sinais indicativos e pensar na possibilidade de depressão diante de uma criança que revela uma expressão de tristeza, ou mudança no nível de atividade, diminuição no rendimento escolar, fracasso em terminar suas tarefas escolares, isolamento social, agressividade ou verbalizações como: “Eu não posso fazer isso”. (LIVINGSTON, 1985, *apud* CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2003, p. 82).

No que tange o citado, essa necessidade existe, pois as dificuldades impostas ao ensino e aprendizagem pela ansiedade e depressão, exige por parte da escola e do professor a compreensão de como eles podem ser essenciais na superação dessas dificuldades. A falta de um conhecimento mais especializado pode agravar ainda mais os problemas existentes na vida da criança, interferindo também na identificação dos transtornos e no encaminhamento ao profissional de saúde. De acordo com Dias (2006, p. 67), muitos profissionais de educação não conseguem entender como uma criança e adolescente fica deprimido. A maioria deles concebem que as crianças têm que brincar, ser feliz, pois, não possuem preocupações, problemas e, não tem compromisso mais sério que o estudo. O conceito, de alguns dos profissionais de educação é que depressão é uma doença de adultos e não de criança.

O profissional de educação precisa ter em sua formação o acesso ao assunto “ansiedade e depressão”. Essa compreensão é necessária para que o diagnóstico seja devidamente realizado pelo profissional de saúde, tornado ainda o professor essencial não só para a superação dessas doenças, como também para a sua identificação. De acordo com Estanislau e Bressan (2014, p. 18):

Um professor bem informado e sensível pode tanto promover saúde mental quanto atuar na prevenção de transtornos, por exemplo, identificando sinais que demandem encaminhamento para avaliação de equipe de saúde mental, contribuindo para uma intervenção precoce, que, via de regra, leva resultados mais positivos. Com a

identificação e o encaminhamento ao profissional de saúde, o professor, juntamente com a família e a escola, ainda pode colaborar para o tratamento adequado.

A partir do citado, os autores destacam que como os professores possuem mais experiências com um grande número de criança, isso facilita para que eles distingam os comportamentos que devem ser esperados em cada faixa etária, observando os comportamentos incomuns. Dessa forma “os professores têm uma condição privilegiada de observação do comportamento das crianças sob seus cuidados, pois observam em uma grande variedade de situações, como atividades de lazer, durante interação com outros adultos e com criança de diversas idades”. (Estanislau e Bressan, 2014, p. 25). Além disso, “percebeu-se que os educadores são profissionais que acompanham estas crianças diariamente em suas atividades pedagógicas, podendo perceber alterações aparentes de comportamento ou desempenho escolar”. (ANTUNES et al., 2016, p. 162). Notando os possíveis problemas que devem ser tratados com maior seriedade e alertando os pais sobre a necessidade de investigação e auxílio médico. Dessa forma, o profissional da educação passa a ser extremamente essencial para a identificação da ansiedade e depressão na criança, pois além de ter uma visão privilegiada, como citado anteriormente, eles ainda podem observar a criança em sua totalidade, considerando suas características, seu emocional e sua aprendizagem.

### **2.3. A família e a infância: analisando as relações familiares em diálogo ao desenvolvimento das crianças e das emoções**

Em conjunto com os profissionais da educação, outro grupo essencial para a colaboração e superação dos transtornos por parte da criança, é a família. “O sistema familiar é reconhecido por vários teóricos como sendo de fundamental importância para a socialização primária e para a formação da identidade da criança”. (TEODORO; CARDOSO; FREITAS, 2010, p. 325). Com base nos autores Teodoro, Cardoso e Freitas (2010), a família é uma instituição que pode fornecer a criança o acesso a uma estrutura e rede de apoio que os auxiliem em problemas diversos, como os problemas sociais e escolares. Além de ser responsável por ensinar, educar e inserir o sujeito na sociedade, sendo a primeira base de contato e influência para a criança. No que diz respeito ao emocional, com base em Biazus e Ramires (2012) é com a ajuda da família que o sujeito desenvolve emoções como alegria e tristeza, aprendendo a enfrentar seus desafios e medos, desenvolvendo também sua autoestima e confiança.

O sistema familiar também pode contribuir com a criança para a construção do seu contexto de espaço e apego seguro. Esse contexto possibilita que ela regule e controle suas emoções, aumentando seu sentimento de segurança e autonomia. Para isso, é preciso que exista uma relação adulto – criança saudável, em que a criança se sinta aberta e segura para se comunicar, sentir e expressar sentimentos e emoções. “A presença de uma relação saudável da criança com seus pais é um dos fatores importantes na prevenção de psicopatologias, estando diretamente ligada à qualidade dos cuidados e das relações parentais (DALTON et al., 2006; FEINBERG et al., 2007, *apud* TEODORO; CARDOSO; FREITAS, 2010, p. 325). Além disso, “a criança procura proximidade física com a figura de apego como forma de restaurar o seu equilíbrio interno, quando esse se encontra ameaçado pelas mudanças dos seus estados mentais”. (BIAZUS; RAMIRES, 2012, p. 88). Para Biazus e Ramires (2012), a figura de apego, o cuidador, tem um papel fundamental na restauração do equilíbrio interno da criança, pois é ele quem pode oferecer significados e transmitir clareza para a criança sobre seus estados mentais, seus sentimentos, já que esta ainda não é capaz de compreendê-los com a falta de domínio sobre sua linguagem. É através dessa relação entre o adulto cuidador e a criança, que ela adquire a capacidade de construir representações sobre si mesma e sobre o mundo ao qual está inserida.

A relação adulto – criança proporcionada pela família é especial, pois o adulto é responsável por fornecer à criança um crescimento saudável e equilibrado. Ainda nessa relação, em muitos casos, as crianças atribuem ao adulto uma imagem de inspiração, um espelho, e esse fator contribui para a realização de determinadas ações por parte das mesmas. Assim, podemos ver o adulto como um sujeito que precisa ser participativo, que se envolva na relação adulto – criança através de conversas, histórias, brincadeiras, etc. Respeitando os limites da criança, seus interesses, seus espaços, apresentando-as sempre a novas experiências e perspectivas, oferecendo um ambiente seguro, porém exploratório.

No entanto, muitos adultos acabam deixando de lado o processo de maturação a ser vivido pela criança. Em alguns casos, por acreditar que ela necessita de um conhecimento prévio para só assim alcançar seus interesses, o adulto acaba privando a criança de algumas experiências e do conhecimento do novo, evitando o aprendizado necessário para que elas possam lidar com determinadas situações, com a crença de que está protegendo-a de possíveis perigos e estresses. Ainda seguindo a linha de pensamento de Estanislau e Bressan (2014, p. 26), “adultos que costumam evitar a exposição de crianças e adolescentes a estresses do dia a dia impedem que tais mecanismos não se estruturam, fazendo esses jovens crescerem temendo situações novas ou desafiadoras”. Dessa forma, quando o adulto não oferece à

criança a construção de um espaço seguro e a privação da aquisição de experiências e da exploração do mundo, em vez de protegê-la, ele pode na verdade estar comprometendo a autoestima dessa criança. O que por sua vez pode interferir para que esta se torne bem sucedida em suas trajetórias ao longo de sua vida. Se limitando a não exploração de novas experiências por controle do medo sobre o seu “eu”.

Outro ponto abordado pelas literaturas e pelos profissionais de saúde é a dificuldade quanto ao diagnóstico. Por ser uma fase que envolve o conhecimento e o desenvolvimento de diversas características e particularidades singulares por parte da criança, torna-se difícil o diagnóstico preciso. Neste processo, é necessário que a família, em especial os cuidadores, estejam atentos as ações realizadas pelas crianças e aos sintomas que elas apresentam. De acordo com Scivoletto, Boarati e Turkiewicz (2010, p. 113):

O engajamento da família é fundamental desde a avaliação inicial, para obtenção de dados objetivos sobre a história e o ambiente do paciente, além da avaliação da situação familiar. A presença ou ausência de suporte familiar e social são fatores determinantes na avaliação de risco do paciente e podem determinar a decisão quanto à necessidade de internação.

No entanto, muitos pais acabam não dando a devida atenção aos sintomas apresentados pela criança. Em diversos casos, muitos deles associam esses sintomas a comportamentos considerados negativos pelo adulto e ao baixo rendimento acadêmico, acreditando ser birra, má comportamento, entre outros fatores. Resultando na não procura de um profissional de saúde, interrompendo em uma possível investigação, no diagnóstico e no tratamento precoce, pois “a família da criança com transtornos de humor, frente aos sintomas aparentes, pode subestimar a doença do filho, preferindo ignorá-la e/ou desconfiar da veracidade dos sintomas percebidos, desacreditando-os e minimizando sua “ameaça” física e social”. (DELA Coleta, 1995, *apud* ANTUNES *et al.*, 2016, p. 158). De acordo com Cruvinel e Boruchovitch (2003, p. 82):

A falta de informações de pais e professores sobre a depressão infantil pode contribuir para aumentar as dificuldades dos alunos e inúmeras seqüelas emocionais no futuro. É evidente que família e educadores não estão preparados para fazer um diagnóstico na criança. Cabe ressaltar que nem é esse o papel dos mesmos. No entanto, disponibilizar um maior conhecimento acerca de depressão infantil para pais e professores pode propiciar um olhar mais atento à crianças que apresentam possíveis sintomas permitindo um encaminhamento oportuno e um diagnóstico mais rápido, o que conduzirá a intervenção adequada, em tempo hábil.

Diante o citado, podemos perceber o quanto a família é importante, juntamente aos educadores, para o reconhecimento e diagnóstico precoce da ansiedade e depressão na infância. No entanto, como vimos, por existir uma falta de conhecimento por parte dos pais ao serem apresentados os sintomas por parte da criança, esse diagnóstico muitas vezes acaba sendo realizado de forma atrasada ou até mesmo não sendo realizado. Antunes et al. (2016, p. 163) afirmam que “a maneira pelos quais determinados sintomas são vistos pelos pais ou responsáveis, algumas vezes são determinados pelo entendimento de que estes comportamentos são esperados nas fases de desenvolvimento da personalidade da criança, criando um falso quadro de normalidade”. Diante as falas dos autores, quando os pais ou responsáveis observam os sintomas e consideram a existência de doenças psicopatológicas, a rápida percepção e o diagnóstico podem ocorrer com maior probabilidade. A partir disso, para que seja possível evitar o agravamento da doença, para prevenir problemas futuros e “para que ocorram intervenções rápidas, no caso, de depressão em crianças, vê-se a importância da valorização dos sintomas da depressão por parte dos pais das crianças. Pelo fato de serem eles as pessoas que, em tese, acompanham mais de perto as modificações ocorridas nessa idade.” (ANTUNES et al., 2016, p. 158).

Outro fator a ser observado é a existência de relações negativas ocorrentes entre a família e a criança. Em muitos casos, crianças que convivem com a ansiedade e depressão são pertencentes à família sem uma ideal organização, socioeconomicamente desfavoráveis ou desestruturadas, não recebendo os cuidados afetivos necessários durante a infância. Em um estudo realizado com crianças de 03 a 10 anos de idade, inseridas no contexto de creches e saúde pública, na cidade de Paranavaí – PR, Calderaro e Carvalho (2005) concluíram que as consequências da falta de cuidados afetivos familiares estiveram presentes em diversos casos de crianças diagnosticadas com doenças psicopatológicas. Calderaro e Carvalho (2005) citam através de Marcelli (1998) que:

Os resultados de alguns estudos que apontam traços característicos na população que vive em condições socioeconômicas desfavoráveis, entre os quais se destacam o desemprego, uniões transitórias do casal, alcoolismo e violência. Habitualmente, são famílias incompletas, e freqüentemente a figura masculina ocupa lugar secundário. As crianças sofrem as conseqüências diretas dessa desestruturação, uma vez que não têm asseguradas as condições básicas necessárias para um bom desenvolvimento e não conseguem reagir diante de tais adversidades. (CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 183).

Ainda, Calderaro e Carvalho (2005) apresentam em seu estudo situações e histórias sobre as causas e consequências que levaram essas crianças a desenvolverem as doenças

psicopatológicas, fazendo com que elas obtivessem por sua vez dificuldades para o seu desenvolvimento intelectual, físico, social e emocional. No entanto, dois casos chamam a atenção, são os casos de Vítor e Gisele:

No caso de Vítor (5 anos, 1 mês), ficou também bastante evidente o efeito da configuração familiar na etiologia dos transtornos que apresenta. Até os quatro anos de idade conviveu com o pai alcoolista e violento. A mãe relatou que o marido a agredia fisicamente com frequência na presença dos filhos, e quando ela estava grávida de Vítor ele a golpeava no ventre com chutes e a feria com faca. A criança atualmente adoce com frequência, é agressiva, ansiosa, apresenta problemas de indisciplina, autoagressões, distúrbios do sono, dificuldades cognitivas e conduta bizarra, caracterizando traços esquizóides - conversa sozinho e tem dificuldades em interagir com outras crianças. O ambiente familiar desfavorável e emocionalmente instável fez com que faltasse a Vítor a dose de cuidados necessária para que pudesse se desenvolver de forma saudável. (CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 186).

Por sua vez, no caso de Gisele:

No caso de Gisele, a professora relatou que esta passou a apresentar mudança brusca de comportamento após a mãe ter arrumado um namorado e passado a recebê-lo em sua casa. Segundo a professora, Gisele compartilhava a cama com a mãe e o namorado. Relatou que houve uma visível regressão em suas produções gráficas. Os desenhos, que antes seguiam certa organização, passaram a apresentar desorganização e trazer como tema figuras de cobras e aranhas. A queixa da mãe diz respeito à mudança brusca de comportamento, agressividade e medo de monstros, apresentados pela filha. (CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 186).

Ao observarmos esses dois casos, percebemos que quando a criança não tem os seus direitos básicos fornecidos e respeitados, os prejuízos correlacionam não somente com o seu emocional. Ao não construir o seu apego seguro, a criança desenvolve diversos problemas, dificuldades e doenças que vão interferir na sua infância e possivelmente em sua vida adulta, através de reflexos que vão por sua vez intervir sobre suas características, personalidade, competências e habilidades. Pois “as interações familiares de baixa qualidade são tidas frequentemente como um fator de risco para o aparecimento de sintomas depressivos. Existem, inclusive, evidências de que as relações familiares são preditores mais fidedignos do que as com pares na adolescência (MCFARLANE, BELÍSSIMO, NORMAN, E LANGE, 1994, *apud* TEODORO; CARDOSO; FREITAS, 2010, p. 325).

Dessa forma, é de devida importância e seriedade que os pais se atentem aos sinais de doenças como a ansiedade e depressão, analisando as mudanças no comportamento, no físico e no emocional da criança, reconhecendo e considerando os sintomas existentes. Também é importante que a família forneça a criança um espaço e um apego seguro, respeitando o processo de maturação das fases de desenvolvimento e garantindo os direitos e seguranças

básicas. Pois de acordo com Calderaro e Carvalho (2005) é preciso que a criança tenha um ambiente familiar favorável para que ela tenha um desenvolvimento emocional saudável. É partir daí que ela se tornará capaz de suprir suas necessidades de forma adequada, facilitando na existência de uma devida proteção e acolhimento através da relação adulto – criança.

#### **2.4. O papel das brincadeiras para o entendimento das emoções, o autoconhecimento e aprendizagem infantil**

Nos tópicos anteriormente abordados, fizemos brevemente uma análise do que se tratam as doenças psicopatológicas, ansiedade e depressão, na infância. Tendo enfoque em fatores como a conceitualização, características, manifestação, sintomas, diagnósticos, dificuldades e riscos para o desenvolvimento e aprendizagem, entre outros. Dentre esses fatores, temos como foco nessa pesquisa as dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças possuintes da ansiedade e depressão, em que pautamos como essas doenças interferem em seu aprendizado em sala de aula e em suas emoções. Cruvinel e Boruchovitch (2003) consideram que as crianças que possuem dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente um baixo rendimento escolar apresentam mais sintomas depressivos do que as crianças que não apresentam essas dificuldades. Isso acontece, pois “o declínio no desempenho escolar ocorre com muita freqüência na criança deprimida e alguns autores sugerem que esse comportamento pode ser visto como um sinal ou um indicador de distúrbio depressivo”. (BANDIM; COLS., 1995, *apud* CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2003, p. 81).

Tendo como base essa análise, neste tópico buscaremos compreender como as brincadeiras podem ser essenciais para que crianças em fase escolar possam reconhecer e entender suas emoções, se autoconhecer e se envolver e desenvolver melhor quanto a sua aprendizagem em sala de aula. Essa relação é importante, pois com o entendimento das emoções e o autoconhecimento, a crianças podem lidar melhor com situações aparentemente complicadas e difíceis de lidar. Além disso, com as brincadeiras, crianças podem despertar um maior interesse sobre atividades escolares e socializar com outros sujeitos. Se inserindo em sociedade e cultura, construindo sua identidade e personalidade. Macedo, Petty e Passos (2007, p. 14) consideram que:

O brincar é fundamental para o nosso desenvolvimento. É a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação, etc.). Todas as crianças brincam se não estão cansadas, doentes ou impedidas. Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas

e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte de um mesmo contínuo topológico. Interessante porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança, dando-lhes forma de atividade ou ocupação. Informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados.

Diante o citado, podemos perceber que as brincadeiras estão presentes na maior parte do dia das crianças, principalmente através de atividades nas instituições família e escola. Para a criança, brincar não é apenas um passa tempo. É algo que vai além da diversão, sendo atribuído ao prazer, ao conhecimento, a formas de sentir e se expressar, etc. Com as brincadeiras, a partir do conhecer, fazer, conviver e ser, a criança pode desenvolver características como a linguagem, imaginação, autonomia, autoconfiança e curiosidade. De acordo com Kishimoto (2010, p. 01):

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Podemos entender assim que oferecer à criança o contato com a brincadeira é permitir que elas conheçam um mundo aberto para ser explorado e viver constantes experiências. Através das brincadeiras, crianças que vivem com ansiedade e depressão podem vencer seus medos, evitando que sua vida seja presa a dores e sofrimentos. Permitindo que ela viva uma infância de prazeres e alegrias.

No que se refere à ansiedade e depressão na infância, as brincadeiras são ótimas aliadas para o diagnóstico e superação das doenças psicopatológicas e para o melhor desenvolvimento em sala de aula, superando por sua vez dificuldades de aprendizagens associadas às doenças. É através do brincar que as crianças refletem e expressam seus interesses e desejos, podendo oferecer ao adulto a observação e identificação de suas necessidades e sintomas apresentados sobre a ansiedade e depressão. Ainda seguindo os estudos de Macedo, Petty e Passos (2007, p. 20):

O lúdico, em sua perspectiva simbólica, significa que as atividades são motivadas e históricas. Há uma relação entre a pessoa que faz aquilo que é feito ou pensando. Quando brinca de casinha, por exemplo, a criança atribui sentido aos objetos que utiliza para montar cenários, simular pessoas e acontecimentos. Essas narrativas

fazem sentido para ela, pois são uma projeção de seus desejos, sentimentos e valores, expressando suas possibilidades cognitivas, seus modos de assimilar ou incorporar o mundo, a cultura em que vive. Dessa maneira, as crianças expressam suas intuições.

Dessa forma, quando as crianças se encontram em uma fase de conhecimento e descobertas, não sabendo decifrar e entender as emoções vivenciadas, como apresentado anteriormente através dos estudos de Roazzi et al. (2011), os profissionais da saúde utilizam os jogos e brincadeiras para a realização do diagnóstico e terapias, já que esses são fortes instrumentos de expressão e comunicação por parte da criança.

Em estudo realizado por Calderaro e Carvalho (2005), com crianças de 03 a 10 anos de idade, inseridas no contexto de creches e saúde pública, na cidade de Paranavaí – PR, já abordado anteriormente por esta pesquisa. A história de Gustavo (3 anos e 1 mês), nos evidencia como crianças podem expressar suas necessidades com as brincadeiras:

Gustavo (3 anos, 1 mês), foi gerado e nasceu em um presídio. Gustavo é um menino bastante agressivo, com distúrbios do sono, mudanças súbitas de comportamento, e adoece com muita frequência. [...] Na creche ele se isola das demais crianças e aproxima-se delas sorratamente para agredi-las. Gosta de jogos com peças de encaixe e massinha de modelar. A análise dos procedimentos revela que Gustavo não sente o acolhimento de que necessita, e projeta de forma agressiva, no meio externo, a desorganização que sente internamente. Através do brinquedo, deixa claro seu desejo de ordenar e organizar; percebe que algo não se “encaixa”, que algo não vai bem e que há uma história oculta, daí o interesse por jogos que ordenam e dão formas. É uma tentativa de entender, construir e ordenar aspectos da sua vida. (CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 187).

Com isso, podemos associar que juntamente aos tratamentos farmacológicos, as terapias, principalmente as que agregam como instrumento auxiliar os jogos e brincadeiras, como a psicoterapia de grupo, fornecem ao sujeito a oportunidade de obter o relaxamento e bem-estar, podendo melhorar a sua autoestima e confiança. De acordo com Bahls e Bahls (2003, p. 30) “crianças escolares costumam receber jogos e brincadeiras como as principais ferramentas terapêuticas em seus grupos e, à medida que a idade avança, vai sendo possível o uso de manejos verbais”. Isso é importante, pois, “através do brincar, a criança fala de si simbolicamente, e a maneira como ela atua durante essa atividade pode revelar o sentido oculto das angústias e dos sintomas que apresenta”. (EFRON et al., 1981, *apud* CALDERANO; CARVALHO, 2005, p. 184). Concebendo assim, diálogos, argumentação, socialização, organização de pensamentos e levando para as crianças possibilidades de enfrentamento aos problemas.

Por sua vez, no que tange o uso das brincadeiras como ferramenta de ensino em sala de aula, visando à interação das crianças com conteúdos e atividades e a superação de dificuldades de aprendizagem. A BNCC (2018) considera que:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2018, p. 37).

A BNCC aborda o brincar como um instrumento intercessor de aprendizagens significativas na Educação Infantil. Incluindo-o como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento dessa fase de ensino:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018, p. 38).

Com isso, ao fazermos a leitura do documento no que refere à fase da Educação Infantil, percebemos que as brincadeiras possibilitam que a criança conheça e explore o mundo e o meio em que vive, sistematizando conhecimentos adquiridos ao decorrer de descobertas. A BNCC (2018) ainda atribui que:

De acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (BRASIL, 2018, p. 37).

Assim, compreendemos que através do lúdico e do uso das brincadeiras e jogos nos anos iniciais da Educação Básica, as crianças podem desenvolver capacidades, características, competências e habilidades importantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Ampliando o seu conhecimento, além de entender suas emoções, se expressando e lidando com sentimentos e situações que estão fora de seu controle, superando medos, dificuldades, problemas e doenças como a ansiedade e a depressão e dificuldades de aprendizagens. Sendo necessário que a família e os profissionais da educação estejam atentos às ações, sentimentos e comunicações apresentados pela criança.

### 3- Metodologia

A pesquisa proposta é de natureza qualitativa e descritiva. Pois de acordo com Moreira e Caleffe (2006, p.70), a pesquisa descritiva é um estudo de *status* que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição. Podendo também ser caracterizada como uma pesquisa aplicada, com o intuito compreender os problemas resultantes da ansiedade e da depressão em crianças em fase escolar.

A coleta de dados foi alcançada através de uma abordagem qualitativa. Em que foi realizada a observação de crianças, entre 10 e 12 anos, inseridas em uma Escola Municipal de Educação Básica, no município de Delmiro Gouveia – AL, através do Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental I, ofertado como componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL campus Sertão. Com base na execução de planos de aulas e da participação, envolvimento e desenvolvimento das crianças a partir das atividades e dinâmicas aplicadas pelos estagiários. A análise foi realizada com base nas necessidades despertadas nas crianças durante a infância e as atividades e dinâmicas foram aplicadas com base no projeto de intervenção, pensado e elaborado para a turma do 5º ano A da presente escola, o que adéqua à pesquisa uma análise com base no relato de experiência de estágio.

Após o levantamento dos dados, as informações foram analisadas a partir de uma pesquisa bibliográfica, para a compreensão de como a educação lida com a ansiedade e depressão. O uso de livros, artigos e outros tipos de documentos são importantes para uma melhor compreensão do tema escolhido, tornando a pesquisa segura e confiável. Ainda, com a pesquisa bibliográfica podemos analisar os problemas que precisam ser solucionados e discutidos.

#### **3.1. Características e contextualização da pesquisa: Organização do Estágio Supervisionado 3**

A prática do estágio é de grande importância para a construção profissional do futuro docente, a partir desta é possível que o estudante possa vivenciar para além da teoria diversas experiências que são únicas dentro da sala de aula. Esta é fundamental para que haja um diálogo entre a teoria e prática, e para que o estudante consiga compreender os desafios que o

aguardam em seu campo de atuação. A prática de estágio é permitida por lei, a partir da lei 11.788 de 25 de setembro de 2008 pode-se compreender que o desenvolvimento do estágio é uma forma de garantir a preparação do educando para o trabalho que este futuramente venha a exercer, visando o aprendizado de técnicas, competências e vivências que serão fundamentais para o exercício da função, contextualizando questões voltadas a formulação curricular, objetivando a formação pessoal e profissional do educando.

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (BRASIL, 2008).

Esta pesquisa foi elaborada a partir das experiências vividas em estágio supervisionado, por estagiários discentes do oitavo período do curso de pedagogia, pela Universidade Federal de Alagoas, UFAL – Campus do Sertão. Foi realizado no período de 04/11/21 a 17/12/21 o estágio de observação, coparticipação e regência, que ocorreu na respectiva Escola Municipal de Educação Básica, em Delmiro Gouveia – AL. O estágio se deu na Turma do 5º Ano A, do ensino fundamental I, sob supervisão da professora da turma e o apoio da coordenadora do turno matutino da escola. A prática de estágio supervisionado III cumpre quatro etapas fundamentais, são elas: observação, coparticipação, planejamento e regência. A partir de cada uma dessas etapas, o estudante pode fazer reflexões em torno da prática docente e orientar-se teórica e metodologicamente quanto a sua profissão.

Defendemos uma prática em que o estagiário tenha a oportunidade de se inserir na realidade social de uma escola, vivenciar uma observação participante que vai além de relatar o que o professor fez em sala de aula, mas interagir com as crianças e com o processo de ensino e aprendizagem. Aproveitar também a oportunidade para questionar, problematizar, compreender a dinâmica do dia a dia escolar, pesquisando, planejando e desenvolvendo atividades com sentido e significado. (LUGLE; MAGALHÃES, 2013, p. 123).

Com isso, o estágio é muito relevante para a vida do futuro educador, para que este consiga ter clareza e direcionamento quanto aos saberes e fazeres da prática educativa. De maneira mais direta, pode-se dizer que uma das funções desta prática é corrigir erros futuros e recorrentes quanto o exercício da função de educador, buscando alinhar ideias, planos,

técnicas e metodologias, além da experiência adquirida com a vivência no ambiente escolar. O acerto é um exercício que advém da prática, o erro é um fato do cotidiano, deste modo, a experiência nesta carreira é transmitida através do contato e compartilhamento de ideias, relatos e informações ao longo de sua vivência na área.

### **3.2. Contextualização do nível de ensino**

O ensino fundamental é um dos níveis de ensino que compõem a educação básica, este é obrigatório de acordo com a lei 11.114/05 e é de responsabilidade do município fornecê-lo. O ensino Fundamental divide-se em níveis I e II, o primeiro contemplando a faixa etária dos 6 aos 10 anos, e o segundo corresponde às idades dos 11 aos 14 anos, deste modo atendendo crianças e adolescentes. Este é a segunda etapa dos níveis da educação básica, sendo precedido pela educação infantil e sucedido pelo ensino médio. O ensino fundamental é muito importante, como o próprio nome já diz. Através dele, a criança adquire as bases do conhecimento necessário para os anos posteriores, além de benefícios no âmbito pessoal e social, buscando torná-lo um cidadão ético e de boa conduta social. De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional) este nível de ensino proporciona:

- I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996, artigo 32º).

Atualmente a nomenclatura referente às séries dos anos iniciais da educação básica foi alterada de “série” para “ano”, tal fato ocorreu a partir da política de inclusão social na qual consistia em oferecer escolaridade obrigatória e gratuita, tomando por decisão ampliar o período de duração do ensino para 9 anos (dos 6 anos de idade aos 10 - chamados de anos iniciais e dos 10 aos 14, os anos finais) sendo esta uma das metas do Plano Nacional de Educação 2001-2010.

Durante o processo de escolarização dos anos iniciais o professor carrega consigo diversos dilemas e é encarregado de se sobressair quanto aos desafios desta etapa. Durante o processo inicial, as crianças estão em fase de aquisição da leitura e escrita. Cabe ao professor administrar como se darão estes processos educacionais, nos quais trabalhar tais habilidades

não é um ato isolado. O docente necessita dominar as áreas de português, matemática, ciência, geografia, artes, história e educação física, de modo que não é possível desvincular a construção das habilidades de leitura e escrita durante o aprendizado de demais disciplinas além do português. Assim, o profissional deve assumir uma postura de interdisciplinaridade em suas aulas. Quanto ao campo de vista social, ainda existe a romantização da docência, para muitas crianças os professores são vistos como “tios e tias” e acaba por existir um vínculo afetivo, de confiança e respeito entre as partes, o que socialmente contribui para o desenvolvimento social do estudante. Freire (1997) afirma que o ato de associar a docência ao ser tia, leva para a tarefa profissional do professor uma compreensão distorcida, além de uma falsa identificação. Para ele, ao identificarmos o professor como tia, proclamamos que este não deve brigar, rebelar-se, nem fazer greve. Para a família, ao professor apresentar “atos de desamor” aos alunos, este estaria prejudicando-os no seu aprendizado. Com isso, entendemos que “ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância”. (FREIRE, 1997, p. 9). Ao mesmo tempo, o professor representa também para alguns estudantes a figura “maternal/paternal” ou de “proteção/segurança”, assumindo um papel que socialmente é de responsabilidade familiar, o que de certa forma acaba trazendo aspectos positivos e negativos quanto ao exercício da profissão. Em que ao mesmo tempo, positivamente é estabelecido um vínculo maior de confiança e segurança, há de certo modo uma desvalorização em torno do ofício, por atribuir-lhe a impressão mais familiar e não tanto profissional por parte de muitos.

A BNCC possui um papel muito importante quanto aos anos iniciais da educação básica, esta estabelece quais as competências e o currículo que será utilizado na construção de aprendizagens dos estudantes, trabalhando as seguintes áreas de conhecimento: Linguagens, matemática, ciências humanas, ciências da natureza e ensino religioso, buscando trabalhar a alfabetização e letramento da criança, desenvolvendo suas habilidades de leitura, escrita e compreensão de mundo.

### **3.3. Descrição do Campo de Estágio**

Foi dado início ao estágio supervisionado de observação, coparticipação e regência no dia 04 de novembro de 2021, na escola já mencionada, ao qual a mesma oferta as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, nos turnos matutino e vespertino.

Nosso primeiro contato ocorreu com a coordenadora do turno matutino e a diretora da escola. No dia em questão, nossa equipe reuniu-se com a coordenadora para definirmos como seria realizado o estágio, com ênfase no momento da regência. Ficamos responsáveis pela turma do 5º Ano A do turno matutino. Além da reunião com a coordenação, tivemos a oportunidade de visitar a sala de aula no momento em que estava sendo realizada a aula de matemática, para nos apresentarmos e conhecermos os alunos brevemente. De início, as crianças se apresentaram bem tímidas e curiosas, e ao abordamos o que estaríamos fazendo ali, as mesmas se demonstraram animadas e empolgadas para ter os estagiários presentes no dia-a-dia da turma. Todos os estudantes utilizavam máscaras e respeitavam as medidas de segurança e distanciamento social recomendadas pela OMS para o controle e enfrentamento da COVID- 19. A turma era composta por 28 alunos, mas neste dia, ao todo, estiveram presentes apenas 19 estudantes.

Ainda, fomos informados que seria realizada, no dia 25 de novembro, a prova do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica). Deste modo, as atividades em sala de aula receberiam um foco maior nas disciplinas de português e matemática durante todo o período de observação e coparticipação. No período de observação foi possível analisar a estrutura física da sala de aula, o comportamento e hábitos dos estudantes e qual rotina estes seguiam. A sala era espaçosa e possuía equipamentos básicos. Ainda, a mesma não possuía decorações, como figuras ou cartazes em prol da ludicidade. Sabemos que ambientes harmônicos e interativos, decorados de acordo com a etapa de ensino, torna a sala de aula mais convidativa, envolvendo o aluno com o espaço habitado.

Quanto à duração das aulas, devido ao período pandêmico gerado pelo vírus COVID-19, as aulas foram reduzidas. Estas iniciavam às 07:00 da manhã e tinham fim às 09:50, sendo que em seu período normal estas finalizariam às 11:00 da manhã. Durante este tempo, os estudantes possuíam 10 minutos de intervalo para lancharem, este ocorria entre às 09:00 e 09:30, evitando o aglomerado das turmas, no qual as crianças deveriam alimentar-se dentro da sala de aula. À volta para sala de aula levou a uma nova adaptação para os profissionais da instituição e para as crianças, já que os mesmos estiveram frente a uma nova realidade. De acordo com o objetivo e as discussões apresentadas por essa pesquisa, a situação de ter que estar de frente a uma nova rotina e realidade, pode ser uma situação muito favorável à aquisição da ansiedade e depressão pelas crianças, já que elas se encontram com uma realidade desconhecida, com novas práticas que já não estavam mais acostumadas.

### **3.4. Proposta Didático-Pedagógica**

Diante as abordagens apresentadas referentes ao contexto do campo de Estágio, foi desenvolvido pelos estagiários um projeto de intervenção intitulado como “Meu lugar no mundo: Trabalhando a socialização e o autoconhecimento através da ludicidade”. O projeto consistiu na realização de aulas com base no caráter lúdico, envolvendo atividades e dinâmicas interativas.

Através das observações realizadas em sala de aula, no 5<sup>a</sup> ano A, durante os períodos de Observação e Coparticipação, foi detectada a necessidade da inclusão de atividades lúdicas, que estimulassem os estudantes no cotidiano escolar. Durante este período, como foi abordado anteriormente, a escola alterou sua rotina para preparar os estudantes para a Prova do SAEB, que ocorreu no dia 25 de novembro de 2021. Desde então, as aulas aderiram o foco das disciplinas de português e matemática. As aulas embora muito enriquecedoras, em relação aos conteúdos, possuíam um caráter um tanto monótono. Alguns estudantes dormiam em suas carteiras, outros bocejavam e mostravam expressões de preguiça ou tédio. Muitos afirmavam estarem cansados das rotinas de aulas com base somente na leitura e escrita.

Com a interação entre estudantes e estagiários, foi possível observar um desempenho maior e atitude melhor dos estudantes na realização das tarefas. Alguns estudantes relataram que com a presença dos estagiários e seu auxílio, as aulas eram divertidas e não “davam sono”. Deste modo, evidencia-se a necessidade de atividades que utilizem o lúdico, em especial as brincadeiras, como meio de estímulo para que os discentes possam aumentar seu desempenho em suas atividades, além de proporcionar uma melhor desenvoltura, autoconhecimento e trabalho em equipe através das atividades propostas. O brincar é uma atividade desenvolvida naturalmente pela criança, oferecendo ao sujeito consequências e aprendizagens de forma espontânea, através de um caráter autotélico. Dessa forma, essas características são fundamentais, “pois possibilita à criança aprender consigo mesma e com os objetos ou pessoas envolvidas nas brincadeiras, nos limites de suas possibilidades e de seu repertório”. (MACEDO; PETTY; PASSOS, p. 14, 2007). Resultando na aquisição de aprendizagens significativas.

Além disso, por meio da interação com os estudantes foi possível perceber outra questão presente na sala de aula, que de certo modo permanecia distante do conhecimento da professora e responsáveis pelos estudantes. Foi percebido que alguns dos alunos juntavam-se em pequenos grupos, fazendo uma distinção/exclusão de outros estudantes, realizando a prática de ações de discriminação em sala de aula. Em uma primeira situação, foi dito para uma das estagiárias que mantivesse distância de uma discente, pois a mesma possuía piolhos.

Em uma situação posterior, com o passeio de ida ao Circo Xangay, que estava de passagem pela cidade de Delmiro Gouveia - AL, uma das crianças começou a chorar, afirmando não querer participar do passeio. Após um diálogo, ela foi convencida pelos estagiários a se juntar aos colegas na visita ao circo. Posteriormente, foi descoberto que a estudante chorava em consequência às práticas das ações de discriminação, em que o grupo de estudantes praticante afirmou que não era para ela ir ao circo, pois a mesma não havia comprado o ingresso e ninguém queria que ela fosse. A vítima afirmou aos estagiários que “o grupo não gostava dela, pois ela era pobre e com isso não tinha nenhum amigo na turma, e que se fosse ao passeio, ficaria sozinha”. Devemos lembrar que a prática de ações discriminatórias e a exclusão da vítima pelos agressores a violência, podem causar na criança violentada sintomas da ansiedade e depressão, em que a mesma passa a obter pensamentos e sentimentos negativos, não sabendo lidar com a situação. Podendo se retrair e adquirir doenças psicopatológicas que podem variar de leves ou graves a intensas.

A partir dessas situações, este projeto de estágio buscou reaproximar os estudantes e a possibilitar que as crianças se autoconheçam e se reconheçam, tendo em vista o desenvolvimento infantil e o conhecimento das emoções e superação de problemas e dificuldades. O tema “Meu lugar no mundo” traz o propósito de ensinar aos estudantes sobre respeito, empatia e reconhecimento como indivíduos e como grupo, aceitando e convivendo com as diferenças dos demais. O objetivo deste projeto consiste em utilizar a ludicidade (jogos, brincadeiras, desenhos, dinâmicas, elementos infantis, etc.) para estimular os estudantes a conhecerem melhor sua realidade, pessoal e local, além de otimizar o seu desempenho nas aulas, desenvolvendo sua autonomia e senso de equipe.

O projeto foi aplicado na turma durante sete dias de regência do Estágio Supervisionado III, em que os estagiários estiveram à frente da sala de aula como professores ativos. O mesmo foi desenvolvido com base nas disciplinas: Língua Portuguesa, Literatura, Matemática, Arte, Ciências, Educação Física, Geografia, História e Ensino Religioso, em que foram desenvolvidos planos de aula de acordo com cada disciplina, envolvendo o proposto pelo tema do projeto, conforme é possível visualizar e consultá-lo no {Apêndice A}. Saindo da realidade de simulados para a prova do SAEB, foram levados para a sala conteúdos indicados para o nível de ensino de acordo com as habilidades designadas pela BNCC, envolvendo a ludicidade com atividades dinâmicas para cada dia de aula.

## 4- Análise dos dados

Agora que temos conhecimento sobre as práticas de regência realizadas no Estágio Supervisionado III, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pelos estagiários na turma de 5ª ano A, da Escola Municipal de Educação Básica, analisaremos a seguir três atividades lúdicas realizadas em sala de aula com foco na importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil e para o entendimento das emoções por parte da criança, são elas: roleta numérica, cobra cega e circuito “o que penso sobre o Bullying”.

### 4.1. As brincadeiras e o desenvolvimento infantil

Como pudemos observar nos capítulos anteriores, as brincadeiras são ferramentas essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem por parte da criança. Tendo em vista não somente o desenvolvimento físico e educacional, como também o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, o reconhecimento e entendimento dos sentimentos e emoções, o autoconhecimento e a construção da personalidade e identidade da mesma. Através das brincadeiras, podemos fornecer a criança elementos e situações para a resolução e enfrentamento de possíveis problemas e dificuldades, podendo até ser fundamental para a possível superação de doenças psicopatológicas como a ansiedade e a depressão em auxílio aos procedimentos clínicos. Com o brincar, a criança se distancia do real, atribuindo suas necessidades para a imaginação, podendo retomar para o real com a solução dos possíveis problemas enfrentados em sua realidade. De acordo com Silveira, Lauer e Esquinsani (2021, p. 792):

Quando a criança brinca, ela se distancia do real pela imaginação. Utiliza o brinquedo como suporte para a brincadeira e, na brincadeira, se faz valer das ações que organizam o brincar. “O brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”, conforme Kishimoto (2011, p. 20). O brinquedo simboliza situações reais e coloca a reprodução como oportunidade para a criança recriar o que existe no cotidiano, de forma a propor o imaginário. Além disso, para Bomtempo (2011, p. 76-77), o brincar da criança “tenta resolver problemas do passado, ao mesmo tempo que se projeta para o futuro”. A criança se utiliza dos brinquedos e das brincadeiras para estabelecer o contato com o mundo dos adultos, faz do cabo de vassoura a montaria do cavalo.

Diante a citação, percebemos que o brincar é um instrumento capaz de auxiliar as crianças na superação de doenças, problemas e dificuldades e no desenvolvimento de competências e habilidades, como a criatividade, a imaginação, a empatia, a paciência, a

capacidade de trabalhar em equipe, entre outros fatores necessários para o desenvolvimento da criança enquanto sujeito cultural, social e individual. De acordo com Colla (2019, p.14) na infância, “a brincadeira é uma linguagem e não meramente um momento de recreação. O impulso para brincar transcende um desejo de se divertir; é, antes, uma prática que visa a suprir a necessidade de conhecer e de se comunicar”. Com o uso das brincadeiras e da exploração do espaço, a criança ainda faz o conhecimento de novas realidades e descobertas, favorecendo para que ela se reconheça como um sujeito ativo e participativo, superando sentimentos negativos como a sensação de incapacidade e improdutividade. Sendo assim, a “exploração dos espaços e objetos, para a criança, é uma atividade lúdica que propicia a alegria da descoberta de si e do outro e contribui para o seu desenvolvimento.” (COLLA, 2019, p. 116).

Ao analisarmos os relatos de experiências abordados anteriormente na metodologia desta pesquisa, podemos observar, com base nos períodos de observação e coparticipação, do Estágio Supervisionado III, a falta da ludicidade na turma do 5<sup>a</sup> ano A, nas aulas que foram desenvolvidas pela educadora durante o período de estágio. A nosso ver, essa lacuna pode ocasionar sobre as crianças a falta da criatividade, um amadurecimento precoce, desenvolvimento prejudicado, dificuldade de relacionamento, timidez e outros aspectos negativos para a formação do ser criança. No início do estágio, ainda no período de observação e coparticipação, os estagiários perceberam que algumas crianças da turma tinham dificuldades quanto à interação e socialização com os demais sujeitos da sala de aula, pois as mesmas apresentavam sinais de timidez, dificuldade de relacionamento, falta de interesse na participação das atividades, tremedeira, medo constante e dificuldade de comunicação. Algumas ainda apresentavam dificuldades de aprendizagens, como atraso na escrita e na leitura e falta de interpretação e raciocínio lógico, conforme é possível observar no diário de observação relatado durante o estágio:

Quando os estagiários deram início ao período de observação na sala de aula, no primeiro dia, 04/11/2021, foi solicitado que os estudantes levantassem da carteira, falassem seu nome e o que mais gostava de fazer, para que assim fosse possível conhecer um a um individualmente. Neste momento, a estudante L, 11 anos, chamou a estagiária J de canto e pediu para não participar da dinâmica de apresentação, afirmando sentir vergonha. A estagiária por sua vez, percebia que L sentia muito medo, chegando a tremer as mãos e apresentar sudorese. A estagiária confortou a criança, afirmando que estava tudo bem, que ela não precisava ficar tímida, pois estávamos ali para ajudar a turma, que além de educadores, queríamos ser também amigos. Completando que já que ela não se sentia bem, poderíamos deixar a sua apresentação para depois, apenas para os estagiários. Logo após a aluna aparentou se sentir mais tranquila, concordando com a ideia da estagiária. (Diário de observação, 04/11/2021).

Em outros momentos, com uma observação e conhecimento aprofundado sobre cada criança separadamente, essas características já seriam grandes sinais para que o adulto estivesse atento a possíveis sintomas de doenças psicopatológicas, estando em alerta quanto à necessidade de encaminhamento ao profissional de saúde adequado para análise e investigação. Sendo assim, a falta do lúdico e da brincadeira para a criança, pode ocasionar o bloqueio de competências e habilidades pelo sujeito, tornando-o mais inseguro, e suscetível a desenvolver problemas, dificuldades e doenças,

Além disso, quando existe a ausência do brincar na infância, principalmente em contexto de educação, a criança está sendo privada do proveito de seus direitos essenciais, podendo implicar na falta de um crescimento saudável, da liberdade e do convívio social. Sendo assim o brincar também é um direito da criança, ao qual é atribuído a uma dinâmica natural da vida infantil. A criança precisa ter um ensino rico em dinâmicas lúdicas, através de jogos e brincadeiras, podendo passar por experiências inovadoras, que por sua vez poderão levar grandes marcos para sua vida futura, com base em estratégias de aprendizagem.

Com isso, tendo em vista a importância das brincadeiras e da falta de ludicidade presente na turma do 5<sup>a</sup> ano A, foi desenvolvido um projeto de intervenção com foco no lúdico e na inclusão de dinâmicas, brincadeiras e jogos em sala de aula. A seguir, faremos a análise de três atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula pelos estagiários através do projeto aplicado denominado “Meu lugar no mundo: Trabalhando a socialização e o autoconhecimento através da ludicidade”, são elas: roleta numérica, cobra cega e circuito “o que penso sobre o Bullying”.

### *Roleta numérica*

Quando o educador encontra-se inserido em uma escola e têm acesso aos conteúdos e conceitos que devem ser abordados em sala de aula, de acordo os conhecimentos programados pela BNCC e o que é exigido pela mesma em cada fase de ensino, e precisamos colocá-los em prática, repassando para os alunos diante a função e papel do professor. Percebemos o quanto é difícil envolver as crianças em alguns conteúdos e atividades ao despertar seus interesses e atenções para os mesmos. Notamos que de fato as práticas nem sempre se assemelham as teorias, e o ato de mediar, facilitar e articular esses conteúdos e conceitos acaba sendo mais difícil do que o imaginado. Podemos observar isso no ensino da matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A matemática por si só, é uma

disciplina que causa muitas vezes medo e grandes dificuldades para a aprendizagem e resolução de problemas matemáticos, sendo associados por muitas estudantes como uma disciplina chata. Afinal, quem nunca atribuiu este sentimento para esta disciplina? A complexidade do raciocínio e da lógica, das fórmulas e teorias pode fornecer ao aluno o sentimento de incapacidade, medo, preocupação e sensação de inutilidade, sentimentos esses que com base no que vimos nas seções iniciais desta pesquisa, são ótimos aliados para o desenvolvimento de doenças psicopatológicas por parte do sujeito.

Pensando nisso, durante a elaboração dos planos de aula do projeto de intervenção, surgiu a necessidade de trabalhar a matemática de uma forma mais interativa, convidativa e divertida. Em uma das aulas de matemática, os estagiários prepararam uma roleta numérica. A roleta foi construída a partir de materiais recicláveis. O trabalho com sucata é importante para a educação ambiental de crianças, pois além de ser um ótimo auxílio para o professor nas atividades, o mesmo pode possibilitar às crianças a refletirem sobre o meio em que vivem, incentivando a prática da reciclagem.

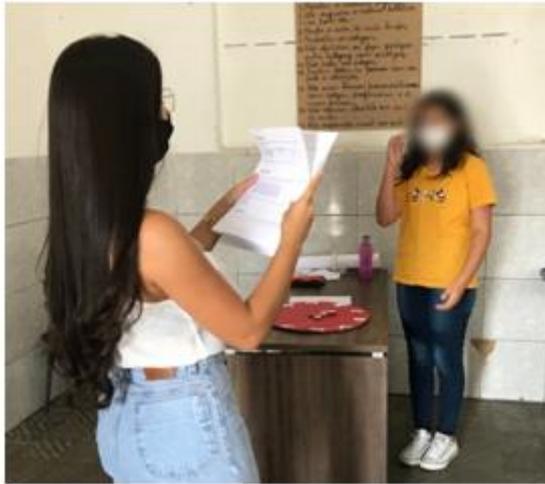
A roleta possuía números de um a dez, em cada número existia uma questão matemática, para que os alunos pudessem responder com a ajuda dos estagiários.

**Figura 1 - Roleta Numérica**



Fonte: Autor (2021)

**Figura 2 - Criança brincando com Roleta Numérica**



Fonte: Autor (2021)

Assim, dez crianças foram escolhidas para participar da brincadeira, cada uma tinha que girar a roleta, quando o ponteiro parasse em um número, a criança pegava a questão e respondia no quadro da sala. Os demais estudantes poderiam opinar e ajudar o colega da vez sobre quais as possíveis respostas. O fato de usar um instrumento diferente, através da brincadeira, nas atividades que antes eram tidas como algo desmotivador para a criança, leva para elas um novo caráter para atividade. Em outro momento, se fosse passado apenas uma atividade impressa para a criança, com as questões matemáticas a serem resolvidas, os estudantes responderiam apenas como um papel de obrigação, sem o intuito de absorver o conteúdo e sem prazer pela atividade. O instrumento ou brinquedo, fez com que as crianças se afastassem dessa ideia de obrigação, tendo o desejo e a intenção de participar da ação da dinâmica. No que se refere o brinquedo, Oliveira e Souza (2018) afirmam que:

De acordo com Kishimoto (2008), o brinquedo é um estimulante material que pode contribuir na fluidez do imaginário infantil. Contudo, nem sempre a criança irá reproduzir fielmente uma ação de acordo com a finalidade do brinquedo, podendo ela atribuir outros significados mediante a sua imaginação (BARROS, 2009). Por exemplo, um brinquedo como o lego, que possui peças para montar, pode permitir à criança contemplar a sua criatividade, tanto na representação mimética de um contexto real como na produção de um mundo totalmente fictício com algum fundo de possibilidade. (OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 12).

Diante o citado, percebemos que utilizar de brinquedos ou diferentes instrumentos na sala de aula possibilita que a criança trabalhe a sua imaginação, sendo considerado um estimulante material, contribuindo para a criatividade da criança. Podemos perceber através da roleta numérica, que o uso do brinquedo fez com que as crianças esquecessem o medo de errar e de compartilhar suas respostas com os colegas, fazendo com que elas não se

preocupassem em ser julgadas em caso de erro e com que elas não sentissem aversão quanto às dificuldades na resolução dos problemas. Contribuindo para o seu aprendizado e relação com os demais sujeitos presentes na turma.

Ao pensarmos e atribuirmos essa experiência com a possibilidade de superação da ansiedade e depressão pela criança, o uso do brinquedo pode fornecer a ela um auxílio no enfrentamento de possíveis medos e dificuldades, como aconteceu com o uso da roleta sobre as questões de matemática. O uso da imaginação propiciada pelo brinquedo pode fazer com que a criança se afaste brevemente de seus problemas e da realidade, podendo achar um meio de resolução para esses problemas ao voltar à realidade existente. Ainda de acordo com Oliveira e Souza (2018, p. 12):

De acordo com Elias e Dunning (1992), atividades miméticas de divertimento, dentre as quais podemos incluir jogos e brincadeiras, têm potencial para reproduzir e criar sentimentos análogos aos desencadeados em situações reais da vida, tais como perigo imaginário, medo, tristeza, alegria, prazer etc. Assim, não é destituído de lógica o argumento de que essas atividades podem preparar as crianças para conviverem melhor com esses eventos durante a fase adulta. Ademais, o quadro imaginário proposto pelas brincadeiras e jogos, permite aos infantes vivenciarem em escala microsocial os sentimentos supracitados, sem serem expostos aos verdadeiros riscos e ameaças que, por sinal, colocam em prova a fragilidade humana.

Aproveitaremos essa citação para retomar as experiências vividas através da estudante L, 11 anos. Como vimos anteriormente, nos primeiros contatos existidos entre a criança e os estagiários, esta se apresentava muito tímida, com medo da interação, da comunicação em meio aos colegas, ao qual não tinha o interesse na participação das atividades. Durante a realização da dinâmica da roleta numérica, a estudante apresentou interesse na participação da atividade, pedindo aos estagiários para girar a roleta e resolver uma questão, em frente à turma. Com a interação propiciada pelo brinquedo e descontração envolvendo a dinâmica, L parece ter deixado de lado o seu medo de interação e comunicação, levando uma solução para a superação da sua timidez, através do brinquedo e da brincadeira. Ainda, durante o período de regência realizado pelos estagiários, foi possível notar que a aluna passou a interagir mais com os colegas da turma, fazendo amizades que antes não existiam. Ela também se tornou mais participativa, se envolvendo com maior frequência nas aulas. O que nos demonstra o quanto é importante o uso de brinquedos e diferentes instrumentos em sala de aula, favorecendo para o ensino e aprendizagens das crianças em seus anos iniciais.

*Cobra - cega*

Na educação voltada a crianças e adolescentes, o trabalho em grupo deve ser sempre fortalecido pelo profissional de educação em sala de aula. Ao aprofundarmo-nos nos diversos conceitos e conteúdos da pedagogia, entendemos que as relações entre pares e grupos são essenciais para que assim a criança se desenvolva quanto sujeito social e ativo em sociedade. “O desenvolvimento de si mesmo torna-se inerente à internalização das atitudes e das funções sociais do outro, diante do vínculo e do compartilhamento da vida social e simbólica da comunidade a que pertence.” (SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 791). Além disso, o trabalho em equipe e as relações com o outro propicia a interação social, em que através da criação e recriação o sujeito pode aprender e construir sua identidade e personalidade por meio de realidades e culturas distintas. De acordo com Casagrande (2014, *apud* SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 791):

O vínculo entre a sociedade e o indivíduo ocorre pela atuação do ser humano nas atividades sociais, as quais requerem interação, comunicação simbólica e compartilhamento de experiências. Desse modo, a participação social e a adoção da atitude do outro são preponderantes para a gênese do si mesmo. Quando o sujeito acolhe a atitude ou a ação dos demais integrantes do grupo social, necessariamente, compartilha de maneira integral das experiências desse coletivo e passa a legitimar os comportamentos por meio do respeito à concepção e ao espaço do outro. O ato/ação, para ser dimensionado/a como social, necessita ser direcionado/a ao outro, de forma a ocasionar a interação e a cooperação entre os indivíduos.

Diante o citado, compreendemos que a presença do outro, a estimulação e a interação social são elementos fundamentais para a construção do sujeito. O que fortalece, dessa forma, a ideia de que atividades e trabalhos em grupo devem ser sempre desenvolvidos com as crianças em sala de aula, pois só assim elas podem conhecer e explorar sua cultura e sociedade. Destacando não só a importância das interações, como também da sua formação, da construção de um estilo de vida, das vivências e das inserções para o sujeito.

Para quem convive com doenças psicopatológicas como a ansiedade e a depressão, as relações e interações adquiridas a partir do convívio com o outro e do trabalho em grupo são importantes, principalmente quando essa interação vem acompanhada da empatia, em que somos capazes de nos colocar no lugar do outro. O recebimento de atenção e bons gestos podem ser ótimos aliados para a construção de um espaço seguro, caracterizado pela relação do doente com as pessoas que o rodeia. Ter alguém que escute e entenda seus medos e necessidades, que o ajudem na solução de suas dificuldades e problemas, pode oferecer segurança e conforto, principalmente para a criança, que precisa de um cuidado único e especial. Para quem acompanha de perto esses sujeitos que convivem com doenças

psicopatológicas, ter empatia e se colocar no lugar do outro vai além de uma necessidade. É através dessas interações que podemos ser capazes de ouvir e conhecer suas dores, dificuldades e problemas de perto, tornando-se assim aptos a ajudá-los. Levando em consideração a maturidade de não trazeremos o problema do outro para nós mesmos.

Com isso, pensando em trabalhar a empatia, o trabalho e convívio em grupo, em sala de aula, foi desenvolvida a dinâmica “cobra – cega” com a turma do 5ª ano A. Ao trabalhar esses temas em sala, o profissional da educação pode favorecer e influenciar positivamente na formação dos sujeitos. Levando para a criança a importância de olhar para o outro além de nós mesmo, tornando-os mais compreensivos e empáticos.

A dinâmica consistiu em uma atividade de cooperação e trabalho em equipe, em que dois alunos foram selecionados para a realização da mesma. A dinâmica possuía dois personagens, um “cego” e um “guia”, sendo posicionado em pontos diferentes da sala.

**Figura 3 - Criança brincando da dinâmica Cobra - cega**



Fonte: Autor (2021)

Entre os participantes, existia uma pista com diversos obstáculos, em que o “cego” estaria com uma venda nos olhos e teria que atravessar a pista sem esbarrar nos obstáculos, podendo contar com a ajuda do “guia” para encontrar o caminho até a saída. Por sua vez, o “guia” se encontrava longe e não podia tocar no “cego”, podendo ajudá-lo somente com a sua voz. Além dos obstáculos, os estagiários solicitaram que os demais estudantes fizessem barulho para dificultar a interação entre o “cego” e o “guia”. Depois de muita dificuldade para finalização do percurso entre os participantes, os estagiários solicitaram que os demais estudantes fizessem silêncio, o que acabou facilitando na comunicação e na finalização da dinâmica.

Com base na dinâmica realizada, podemos pensar na interação social dos sujeitos que convivem com a ansiedade e depressão com a sociedade ao qual estão inseridos. Podemos associar o cego ao doente, o guia aos sujeitos que convivem com o mesmo, como a família,

professores e amigos, e os demais estudantes com os problemas e dificuldades enfrentados pelo sujeito. Cada criança que convive com essas doenças psicopatológicas precisa de um guia, de uma fonte de apoio que esteja em diálogo e auxílio com a mesma, de um espaço e de relações sociais seguras. Para Silveira, Lauer e Esquinsani (2021) essas relações são importante para formação da consciência da criança, pois “é nas relações interpessoais ampliadas pelas dinâmicas do brincar e do jogar que a criança conhece a si mesma e compreende as intenções, os sentimentos e as frustrações do outro. (SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 799). Estabelecendo através da interação com o outro uma relação de reciprocidade. Ainda, como vimos no capítulo inicial desta pesquisa, muitas vezes, as crianças que possuem ansiedade e depressão podem vivenciar sensações de medo, angústia, incertezas e diversos sentimentos negativos, fazendo com que a mesma precise de fontes de apoio.

Outro ponto que podemos observar é o trabalho em equipe realizado pela turma. Em que a brincadeira só pôde ser finalizada a partir da colaboração e da ajuda de todos. A atividade demonstrou às crianças o quão importante é se colocar no lugar do outro. Apresentando a elas que devemos sempre acolher ao próximo, principalmente no que julgamos ser um problema ou dificuldade. Em um diálogo entre os estagiários com o aluno V, 11 anos, responsável por representar o cego na dinâmica, o mesmo relatou que sentiu muito medo e uma sensação ruim. Ao ser questionado sobre o motivo desses sentimentos ele afirmou que era muito difícil e ruim fazer as coisas sem enxergar nada, que o medo de bater nos obstáculos e o fato de enxergar só escuridão assustavam. V ainda destacou que entendeu como era importante se colocar no lugar do outro, ver como o outro se sente, pois só assim era possível fazer algo para ajudar. Percebemos assim, que “o jogo em equipe leva a compreender a vulnerabilidade do individual e a necessidade da colaboração entre os pares do grupo.” (SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 800). De acordo com Silverira, Lauer e Esquinsani (2021, p. 800):

Tanto o reconhecimento da fragilidade do individual (si isolado) torna-se imprescindível como o trato dado a essa percepção (no próprio jogo e nas relações no meio social) possibilitam o avançar para as relações contextuais além do jogo, visualizando a convivência participativa no espaço/tempo da comunidade.

Além disso, é através dessas interações, propiciadas pela empatia, que a criança pode se transformar perante as suas relações sociais, adquirindo melhorias em sua comunicação e nas experiências e conhecimentos absorvidos, como o enfrentamento dos desafios e a solução de seus conflitos externos e internos. De acordo com Silveira, Lauer e Esquinsani (2021, p.

796), “a criança cresce e se transforma segundo a vivência que tem, porém transforma sua corporeidade não só por crescer e se desenvolver, mas se transforma de maneira contingente e circunstanciada pela vida que leva”. Ainda, de acordo com Elias (1998, *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 8):

Uma criança só pode ser entendida como ser humano quando interage com um grupo, de modo que se desprovida destas relações, não há um desenvolvimento sólido do indivíduo. É então através deste grupo e de outros que vão lhes sendo apresentados ao longo da vida, que a criança vai aprendendo a linguagem para se comunicar e assimilar as regras de controle de pulsões e dos afetos que ditam o processo de civilização. A aquisição destas características não só é essencial para interação com os outros, como também indispensável para a sobrevivência e existência individual.

Dessa forma, juntamente com conteúdos e conceitos programados, a brincadeiras e os jogos podem favorecer no desenvolvimento das interações sociais por parte da criança, com base no trabalho em equipe. Já que por meio desses elementos, os alunos podem ter contato e conhecimento de assuntos sérios e importantes de forma dinâmica e interativa, sendo assim o brincar um recurso mediador no processo de ensino e aprendizagem. Além de torná-los capazes de intervir sobre situações que mereçam uma atenção e solução, como em casos de bullying sobre os colegas, crises de ansiedades, entre outros fatores. Ainda seguindo Silveira, Lauer e Esquinsani (2021, p. 794), estes afirmam que:

A moral dos jogos se apodera com maior força das crianças em relação à moral da comunidade e da própria família. Ao ingressar nos jogos coletivos (que expressam uma situação social), a criança poderá intervir por completo. Há uma gama de organizações sociais, algumas de contextos duradouros, outras temporárias, em que a criança se introduz e realiza seu jogo, conforme seu agrado. O jogo se transforma em espaço/tempo de relações sociais, com graus de funcionamento organizado e diferenciado, determinando a expectativa da relação com a especificidade do grupo ao qual o indivíduo está vinculado (Mead, 2010). Esse processo estabelece uma notável etapa do desenvolvimento moral da criança, tornando-a partícipe consciente de si e da comunidade a que pertence.

Com isso, percebemos que as brincadeiras podem assim aproximar as crianças da realidade ao qual vivem, buscando soluções para dificuldades e problemas reais. Além de aproximá-las também de sua comunidade e família, transformando além de seu espaço/tempo, o seu eu pessoal, a formação de sua consciência e suas interações com o outro. As brincadeiras e jogos não podem ser descartados da sala de aula, pois sabemos que essas atividades vão além do prazer. “É através do ato de brincar e se movimentar que a criança estabelece as primeiras relações consigo mesma, com os outros e com o mundo em uma escala mais autônoma”. (CASTRO; KUNZ, 2015, *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 13).

Ainda, através da empatia e do conhecimento do outro, as crianças desenvolvem respeito por si e pelo próximo, enfrentando com mais clareza os seus medos, dificuldades e angústias. Desenvolvendo o senso de realidade e autoconhecimento ao ter contato com novas realidades e enfrentando e superando doenças como a ansiedade e a depressão ao formarem uma rede de apoio e um espaço seguro através das suas interações, fortalecendo suas relações sociais, em sala de aula, a partir do brincar.

*Circuito “o que penso sobre o Bullying!”*

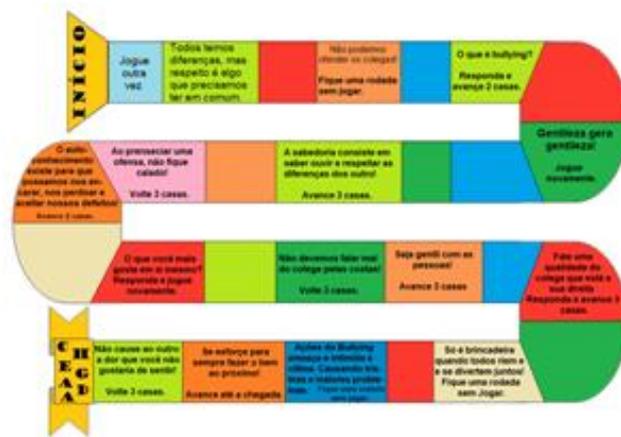
O jogo do circuito “o que penso sobre o bullying!” foi escolhido para ser aplicado em sala de aula, pelos estagiários, com o intuito de atingir três objetivos. O primeiro, assim como o jogo da roleta numérica, seria trabalhar os conteúdos matemáticos de forma dinâmica e interativa, buscando diminuir sobre as crianças, os sentimentos de medo, angústia, incapacidade, entre diversos outros causados pela complexidade e dificuldades da disciplina em muitos sujeitos. O segundo seria o de trabalhar nas crianças presentes em sala, o autoconhecimento e o reconhecimento de necessidades básicas necessárias para um bom funcionamento do corpo e mente humana no dia-a-dia. Já que cuidar do próprio corpo é considerado uma forma de autocuidado, o que alivia o estresse e tantos outros sentimentos negativos que podem ser adquiridos com os problemas e dificuldades enfrentadas. O terceiro seria estimular a união e boa convivência entre os alunos, fortalecendo a ideia de empatia e respeito sobre o próximo, pois os estagiários tiveram o conhecimento de que alguns alunos estavam sofrendo a violência do Bullying por alguns pequenos grupos na turma.

O resultado final desse jogo será apresentado para que possamos entender como de fato o uso de brincadeiras e jogos podem ajudar crianças e adolescentes a entenderem suas emoções e a levarem para elas soluções para seus questionamentos e inseguranças, através da atribuição das regras presentes nos jogos infantis. Mas, antes de partirmos para esse assunto, conheceremos o jogo aplicado.

O circuito “o que penso sobre o bullying!” consistiu em um jogo de tabuleiro, com um circuito impresso. O circuito possuía casas coloridas, com frases sobre bullying, respeito às diferenças, autoconhecimento, pegadinhas, etc. Como por exemplo: “todos temos diferenças, mas respeito é algo que precisamos ter em comum!” e “o autoconhecimento existe para que possamos nos encarar, nos perdoar e aceitar nossos defeitos! – avance 2 casas”. Para a atividade a turma foi dividida em grupos de até cinco pessoas e para ir do início até a chegada, os participantes precisavam resolver problemas de matemática sobre a probabilidade e

estatística. Os problemas foram entregues as equipes em forma de cartas, juntamente com a questão encontrava-se no final da carta a quantidade de casas que o participante poderia avançar e a resposta correta. A resposta ficava coberta, podendo ser vista somente depois que o jogador da vez solucionasse o problema. Por sua vez, só poderia avançar as casas o participante que acertasse a questão, em caso de erro, o mesmo perderia a vez na rodada. Vencendo assim o jogador que atingisse a chegada em primeiro lugar.

**Figura 4 - Circuito "O que penso sobre o bullying!"**



Fonte: Autor (2021)

**Figura 5 - Crianças brincando com circuito "O que penso sobre o bullying!"**



Fonte: Autor (2021)

Ao ser aplicado em sala de aula, no final do jogo, os estagiários presenciaram um episódio que acabou sendo o motivo pelo qual essa brincadeira está sendo aqui relatada. O que nos remete como algumas crianças reagem e enfrentam os sentimentos de frustração em sua realidade. O que nos indica que muitas vezes elas não sabem entender suas emoções e sentimentos e não reagem bem quando situações não saem como as mesmas desejam. O relato apresentado a seguir aconteceu com a aluna E, 11 anos, estudante do 5ª ano A:

Inicialmente, aos estagiários apresentarem o jogo para a turma, E, 11 anos, questionou aos estagiários se os alunos poderiam escolher e formar seus grupos. Frequentemente, nas atividades aplicadas, os estagiários estavam levando em consideração a autonomia da criança, deixando elas escolherem com quem desejava fazer as atividades livremente. No entanto, ao terem conhecimento de quem alguns alunos estavam sendo excluídos por outros, os estagiários resolveram escolher as equipes. No início E relutou, afirmando que queria fazer grupo com seus colegas, mas logo aceitou a proposta dos estagiários. (Diário de observação, 13/12/2021).

Sabemos que ao viverem o Bullying em sala de aula e serem excluídas, muitas crianças acabam se isolando de sua comunidade. O ato de se isolar, por sua vez, pode acabar desenvolvendo sintomas e sentimentos propícios para a ansiedade e depressão no sujeito, podendo ainda ser um indicativo das mesmas. Para Ribeiro et al. (2007), o isolamento e a ausência de interações sociais podem ser um indicativo de sintomatologia depressiva no sujeito, pois “as crianças entendem que a depressão se configura pela ausência de relação social e se vêem como seres isolados e que demonstram uma imensa dificuldade em estabelecer um nível mais profundo de contato social”. (RIBEIRO et al., 2007, p. 427). Podendo desenvolver nas mesmas o sentimento de medo de rejeição, desencadeando um ciclo repetitivo de temor e isolamento.

Dando sequência ao relato:

No final da dinâmica e da aula, após alguns alunos irem embora, os estagiários perceberam um pequeno grupo se formando ao fundo da sala. Ao observarem a situação, percebemos que E se encontrava no meio, chorando, e seus amigos estavam tentando consolá-la. Ao irem até ela e questioná-la do motivo do seu choro, a aluna afirmou que estava chorando porque gostaria de ter ganhado o jogo, que ela não gostava de perder e estava triste. A aluna ainda pediu para jogar o jogo com os colegas outra vez, pois queria ganhar. Os estagiários afirmaram que não seria possível e ajudaram-na a entender o que ela estava sentindo. Ao ter conhecimento dos seus sentimentos foi explicado a ela que nem sempre é possível ganhar e que às vezes as coisas não acontecem como queremos. Após um longo diálogo a aluna se apresentou mais calma, afirmando compreender a situação e o que havia sido dito. (Diário de observação, 13/12/2021).

Os jogos, ao serem utilizados com crianças, principalmente em momentos de aprendizagem, podem oferecer a elas o conhecimento de regras, fazendo com que elas enfrentem situações novas e construam uma atmosfera mais próxima da realidade a partir de sua imaginação. Vygotsky (1991) aborda que o jogo é um ambiente mais controlado e cheio de regras, o que faz com que a criança muitas vezes precise agir de uma forma contrária à que gostaria por possuir um campo de ação mais limitado, controlando assim o seu comportamento a partir de situações imaginárias. Poderíamos estar nos questionando nesse momento sobre como as regras e a limitação pode favorecer a criança, já que aprendemos que para um bom desenvolvimento ela deve ter sua autonomia e liberdade. No entanto, neste fator

agregado às brincadeiras e aos jogos, “a criança, ao se integrar no jogo coletivo, desenvolve a organização do próprio comportamento, adequando seu comportamento ao dos outros jogadores, de maneira que a atividade possa se efetivar paulatinamente.” (SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 793).

Dessa forma, ao ter contato com as regras, através do jogo, a criança torna-se responsável por sua capacidade e seu papel perante suas ações. Ao assumir um papel por meio de uma organização a criança fundamenta a elaboração da consciência de si, formando sua identidade pessoal. Ainda, ao agregar o conhecimento ao jogo, fazendo uso até mesmo da imaginação, a criança pode assumir estratégias para lidar com seus conflitos, já que é através do brincar que muitas vezes ela expressa seus desejos, sentimentos, e pensamento, podendo entendê-los e decifrá-los. De acordo com Vygotsky (1991, p. 63) “a situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori”. A partir desta afirmação, Vygotsky explica que através da imaginação a criança pode obedecer às regras, coincidindo as situações vivenciadas na brincadeira e na realidade. Ainda, no jogo, dependendo do desenvolvimento da criança, as regras podem se apresentar de forma oculta ou demarcada. Quando esta evolui para regras demarcadas, Oliveira e Souza (2018, p. 14) abordam que:

à medida que a criança se desenvolve, o jogo de regras ocultas evolui para o jogo de regras mais bem demarcadas. Esse clima mais estruturado desta atividade contribui para que as crianças interajam entre si, vivenciem “situações-problema”, formulem estratégias, aprendam com os erros e acertos etc. (CORDAZZO; VIEIRA, 2007) e, mais que isso, exercitem o convívio social a partir dos conflitos que ocorrem durante o momento de jogo.

Além disso, através das regras e do jogo a criança pode aprender a lidar com as frustrações e até mesmo com a dor da derrota, aprendendo a perder, como no episódio apresentado sobre E. Quando o sujeito aprende que nem sempre é possível ter total controle sobre uma situação e torna-se capaz de entender e superar suas dores, ele promove a organização e sustentação do seu diálogo interior, o que pode prevenir o desenvolvimento da ansiedade e até mesmo da depressão, sendo fundamental para o seu desenvolvimento emocional. Silveira, Lauer e Esquinsani (2021, p. 799), abordam que:

O jogar, tanto mais que o brincar, abrange a problemática contemporânea que atinge as crianças e os adolescentes: o saber perder e a dor da derrota. É nas estratégias do jogo, com suas estruturas internas e seus papéis definidos de ação/colaboração que a criança compreende a relação com a vitória e a derrota. A compreensão (ou não) da derrota no jogo poderá levar aos desdobramentos positivos ou negativos da vida futura. A derrota no jogo nem sempre significa uma atitude individual (uma falha),

mas uma desconexão coletiva. Alguns clichês devem ser identificados pela criança: “um dia ganhamos, outro dia perdemos”, “todos ganhamos, todos perdemos”. O jogo propicia a eliminação ou a diminuição do somente “eu ganho” (aspecto narcisista) ou do somente “eu perco” (aspecto de frustração, inferioridade).

Assim, quando trabalhando na infância, as brincadeiras e os jogos permitem uma estimulação lúdica e interativa sobre a criança. Já que, de acordo com Oliveira e Souza (2018, p. 18):

A brincadeira no seu estado mais lúdico contribui para que as crianças estabeleçam uma relação com o mundo concreto, mesmo que no limite da compreensão delas. Os jogos e esportes, por sua vez, permitem, através de ambientes controlados por regras, resolvermos contendas e problemas, além de estimularem a reflexão e o autocontrole.

Dessa forma, a brincadeira permite que as crianças tenham um bom desenvolvimento e aprendizagem e entendam seus sentimentos e emoções. Aprendendo assim a administrar e resolver os seus problemas e conflitos, a organizar suas ideias e a conquistarem uma melhor interação social. Entendendo diversos contextos e situações em meio às suas descobertas e construindo um espaço e um pensamento próximo de sua realidade.

## **Considerações Finais**

Com base no que foi apresentado a partir das seções abordadas nesta pesquisa, é possível perceber que as emoções estão presentes em todo cotidiano vivenciado pelo sujeito, agindo sobre o corpo de maneiras diversas e tendo influência sobre os nossos sentimentos e ações. No que se refere ao objetivado por esta pesquisa, compreendemos que as brincadeiras pedagógicas são essenciais para que crianças escolares reconheçam e entendam as suas emoções, desenvolvam o seu autoconhecimento e se envolvam melhor nas aprendizagens em sala de aula. Sendo capazes de auxiliar a criança doente em seu processo de superação de possíveis problemas e dificuldades de ansiedade e depressão. Foi visto nesta pesquisa, que diante o entendimento de suas emoções, do autoconhecimento e com o auxílio das brincadeiras para o alcance deste processo, as crianças podem aprender a lidar melhor com os problemas, dificuldades e situações aparentemente complicadas e difíceis de resolver. A partir de atividades que causam o relaxamento, é possível oferecer para elas o acolhimento e a compreensão de seus desejos, fornecendo ao adulto as informações necessárias para auxiliá-las no entendimento de suas sensações, sentimentos e emoções em determinadas situações, como nos momentos de frustração.

Quando as crianças se encontram em fases de aprendizagens e descobertas, principalmente em seus anos iniciais de ensino. É diante às emoções positivas que as elas podem se desenvolver e adquirir aprendizagens em sala de aula, podendo ter melhor participação e rendimento sobre as atividades realizadas. Foi visto a partir desta pesquisa, que quando a criança desenvolve atividades em que se sentem bem, a chance de maior proveito de experiências e conteúdos também acabam sendo maior, já que elas se sentem seguras e entusiasmadas com as mesmas. No entanto, sabemos que os educadores não devem somente produzir atividades que agradem a criança, pois estes devem desenvolver uma variedade de métodos avaliativos de acordo com as competências e habilidades programadas pela BNCC para cada fase de ensino. Entretanto, é possível buscar soluções e envolver as crianças em atividades que também são avaliadas por elas como chatas, difíceis ou entediadas, através de planos de aulas e projetos que incluam o dinamismo e a ludicidade, tornando as aulas mais convidativas, como vimos na análise dos dados desta pesquisa. Pois, a escola é um espaço que deve oferecer as crianças, além do conhecimento, uma educação lúdica, libertadora, interativa e prazerosa. É na escola que elas podem encontrar um espaço de apego seguro, que muitas vezes não são encontrados na família.

Além disso, através da interação com outras crianças e seus educadores, proporcionada pelo brincar, além de conhecer e entender melhor suas emoções, elas ainda podem desenvolver sua autonomia, sua comunicação e diversas competências e habilidades. Aprendendo a lidar com a realidade existente através das atividades realizadas em sala de aula. Ao terem os jogos e brincadeiras incluídos nas aulas, através da ludicidade, as crianças também podem construir sua identidade e personalidade, se inserindo melhor em sociedade e cultura. Sendo também capazes de despertar e aumentar o desejo da criança na participação das atividades desenvolvidas em sala de aula, permitindo que elas socializem e interajam com os conteúdos programados. Dessa forma, o brincar é fundamental para o desenvolvimento de crianças em diversos contextos de sua vida, estando para além de passa tempo e diversão. Contribuindo para que elas conheçam e entendam suas emoções, adquiram o prazer, o conhecimento, as sensações e sentimentos, a capacidade de se expressar e se comunicar, entre outras características. Ainda, por meio do conhecer, fazer, conviver e ser, elas podem desenvolver a linguagem, a imaginação, a autonomia, a autoconfiança e a curiosidade.

Além da sua importância para a educação, sendo instrumento fundamental para a superação de problemas e dificuldades presentes em sala de aula pela criança. As emoções positivas também se tornam essenciais para a possível superação de doenças psicopatológicas como a ansiedade e depressão, já que os sintomas apresentados na infância acabam influenciando de forma negativa sobre o rendimento escolar de crianças que convivem com essas doenças, o que pode fazer com que elas desenvolvam alteração de comportamento e dificuldades de aprendizagens, afetando o seu processo de desenvolvimento. Isso se dá pelo fato de que crianças escolares, que convivem com a ansiedade e depressão, se encontram em um constante sentimento de cobranças e culpas, se comparando em relação aos demais colegas e adquirindo o pessimismo e preocupações excessivas. Além de desenvolverem sentimentos de inferioridade, inutilidade e falta de confiança e autoestima. O que favorece para a perda do interesse na realização de atividades no geral.

Dessa forma, é necessário que exista a identificação dessas doenças ainda na infância. Para que isso aconteça, o conhecimento sobre esta temática por parte do adulto deve ser aprofundando. Com isso, esta pesquisa torna-se essencial para que os educadores, a família e cuidadores tenham acesso ao conhecimento mínimo necessário para a possível identificação e reconhecimento de sintomas de ansiedade e depressão em crianças escolares, em especial para o educador. Podendo também ser uma fonte de apoio para a produção de pesquisas futuras, visando maior aprofundamento e investigação sobre a temática e fazendo com que a ansiedade e a depressão sejam cada vez mais vista na sociedade.

Com um conhecimento especializado, o professor pedagogo pode ser considerado um dos aliados mais importantes para a possível superação dessas doenças, pois, estando frente à instituição escola, ele pode permanecer alerta aos sinais que indiquem a ansiedade e depressão. Tornando-se assim essencial para a identificação dos mesmos, pois possuem uma visão privilegiada e podem observar a criança em sua totalidade, levando em consideração suas características, seu emocional e sua aprendizagem. Além de serem sujeitos que possuem mais experiências com um grande número de crianças, o que faz com que eles sejam capazes de distinguir comportamentos que devem ser esperados em cada faixa etária, observando os comportamentos incomuns.

Juntamente com a identificação dos possíveis sintomas de doenças psicopatológicas, e o encaminhamento adequado ao profissional de saúde. As brincadeiras também são ótimas aliadas para a avaliação dos possíveis sintomas existentes, para o diagnóstico e para o tratamento, podendo auxiliar o profissional de saúde durante todo o processo, juntamente aos procedimentos clínicos e farmacológicos, já que através delas as crianças expressam suas necessidades e desejos. Sendo a brincadeira assim, um instrumento fundamental para profissionais de saúde, educadores e cuidadores nas fases em que a criança ainda não possui domínio sobre a linguagem e não sabem decifrar e entender as emoções vivenciadas.

Diante a análise das três brincadeiras lúdicas, realizadas como fruto do projeto de intervenção, do Estágio Supervisionado III, aplicado em uma turma de 5ª ano, de uma escola de Delmiro Gouveia – Al. Foi possível confirmar essas funcionalidades e importâncias das brincadeiras no total desenvolvimento das crianças, principalmente no que diz respeito a sua importância para as emoções. Com o uso do brinquedo, dos jogos e das brincadeiras, é notável que as crianças se distanciam da sensação de desenvolver e participar das atividades por obrigação, fazendo com que elas tenham mais desejos na intenção de envolvimento e participação.

Com a utilização de brinquedos nas atividades, as crianças têm acesso a um estimulante material, o que contribui para a sua imaginação e criatividade. O uso deste instrumento possibilita que elas esqueçam o medo de errar e dos julgamentos do outro e de si mesmo. Fazendo com que elas superem problemas e dificuldades existentes, se afastando brevemente da realidade, sendo possível achar um meio de resolução para seus possíveis problemas ao voltar à realidade. O que também contribui para o seu aprendizado e para a socialização em grupo. Por sua vez, com o uso das brincadeiras, principalmente as desenvolvidas em grupo, a criança estimula a sua interação social, construindo sua identidade e personalidade por meio de realidades e culturas distintas, descobrindo-as e tendo acesso a

um mundo para ser descoberto e explorado, além da possibilidade de viver constantes experiências. As brincadeiras em grupo também são capazes de fornecer à criança o recebimento de atenção e valorização, o que favorece para a construção de um espaço de apego seguro, ofertando para ela segurança e conforto. As brincadeiras ainda são capazes de fazer com que as crianças se coloquem no lugar do outro a partir de desafios e do conhecimento das novas realidades, permitindo que elas aprendam a ouvir e conhecer suas dores, dificuldades e problemas. Tornando-se assim aptas a se autoconhecer e ajudar o próximo. Transformando-as perante as suas relações sociais, para que enfrentem seus desafios e conflitos externos e internos. Melhorando a comunicação e absorção de conhecimentos por parte da mesma e buscando soluções para dificuldades e problemas reais. Finalmente, com os jogos, as crianças têm acesso ao conhecimento de regras, enfrentando situações novas e desafiadoras e construindo uma atmosfera mais próxima da realidade. Isso estimula para que elas ajam de formas contrárias ao que esperam e desejam. No que se refere ao processo de reconhecer e entender as emoções, pensar de forma contrária ao que desejam é essencial para que elas organizem suas ideias e comportamentos, pois só assim elas serão capazes de assumir responsabilidade por sua capacidade e papel perante suas ações. Com este desafio, elas poderão desenvolver a consciência de si e sua identidade pessoal, assumindo estratégias para lidar com seus conflitos, sentimentos, emoções e pensamentos, podendo entendê-los e decifrá-los. Além disso, elas terão a possibilidade de aprender a lidar com as frustrações e até mesmo com a dor da derrota, entendendo que nem sempre é possível ter total controle sobre uma situação. Podendo até mesmo adquirir a capacidade de aprender a perder e errar, fator importante para saber lidar com os problemas e dificuldades resultantes da ansiedade e depressão.

Dessa forma, as brincadeiras, os brinquedos e os jogos são ótimos aliados para que as crianças reconheçam e entendam suas emoções e superem possíveis doenças psicopatológicas como ansiedade e depressão e dificuldades de aprendizagens, adquirindo a habilidade de vencer seus medos, evitando que sua vida seja presa a dores e sofrimentos. Juntamente com conteúdos e conceitos programados, o brincar é um ótimo mediador para o processo de desenvolvimento da criança e para o processo de ensino e aprendizagem. Quando trabalhada na infância, as brincadeiras e os jogos permitem uma estimulação lúdica e interativa sobre o sujeito, contribuindo para que eles estabeleçam uma relação com o mundo concreto e permitindo que tenham um bom desenvolvimento e aprendizagem. Nós como adultos e educadores, devemos seguir sete pontos básicos para garantir o melhor desenvolvimento e os direitos da criança no que visa à promoção de saúde mental, são eles: Não evitar os medos da

criança, valorizar os sentimentos e emoções das crianças, investigar problemas e dificuldades e auxiliar na superação dos mesmos, desenvolver atividades de relaxamento e acolhimento do sujeito, ter paciência diante dos comportamentos da criança, entender o que a criança expressa e comunica, e acolher a criança em suas dores e frustrações. Pois assim o pedagogo cumpre o seu papel de desenvolver no sujeito as capacidades, características, competências e habilidades importantes para o seu desenvolvimento e aprendizagens. Respeitando a criança em todas suas fases e particularidades.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Helmer Magalhães et al. **Motivos e crenças de familiares frente ao tratamento do transtorno depressivo na infância: Estudo qualitativo.** Estudos de Psicologia (Natal) [online]. 2016, v. 21, n. 2, pp. 157-166. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160016>.
- BAHLS, Saint Clair; BAHLS, Flávia Rocha Campos. **Psicoterapias da depressão na infância e na adolescência.** Estudos de Psicologia, Campinas – SP. 2003, v. 20, n. 2, pp. 25-34. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2003000200003>.
- BLAZUS, Camilla Baldicera; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. **Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos.** Psicologia em Estudo. 2012, v. 17, n. 1, pp. 83-91. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RSkXKnYD4frXYKQrmzGdGMn/?lang=pt#>.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm).
- CALDERARO, Rosana Simão dos Santos; CARVALHO, Cristina Vilela de. **Depressão na infância: um estudo exploratório.** Psicologia em Estud. 2005, v. 10, n. 2, pp. 181-189. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000200004>.
- CASTILLO, Ana Regina GL et al. **Transtornos de ansiedade.** Brazilian Journal of Psychiatry. 2000, v. 22, suppl 2, pp. 20-23. Acesso em 15 Janeiro 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>.
- COLLA, Rodrigo Avila. **O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2019, v. 100, n. 254, pp. 111-126. Acesso em 22 de Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3956>.
- CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evely. **Depressão infantil: uma contribuição para a prática educacional.** Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2003, v. 7, n. 1, pp. 77-84. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572003000100008>.
- DIAS, Raquel dos Reis Silva. **Educação e depressão infanto-juvenil: Uma abordagem na periferia da região portuária de Santos.** 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2006. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT\\_9e7185a7e8116b332d23823c9542a7d8](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SANT_9e7185a7e8116b332d23823c9542a7d8). Acesso em: 06 abr. 2021.
- ENUNO, Sônia Regina Fiorim; FERRÃO, Erika da Silva; RIBEIRO, Mylena Pinto Lima. **Crianças com dificuldade de aprendizagem e a escola: emoções e saúde em foco.** Estudos

de Psicologia, Campinas – SP. 2006, v. 23, n. 2, pp. 139-149. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000200004>.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

IPGS editora. **IPGS cursos: Nutrição na depressão, ansiedade e distúrbios de sono**, 2018. Página inicial. Disponível em: <https://www.ipgs.com.br/educacao-continuada/curso/nutricao-na-depressao-ansiedade-e-disturbios-do-sono>. Acesso em 16 de abril de 2021.

ISOLAN, Luciano; PHEULA, Gabriel; MANFRO, Gisele Gus. **Tratamento do transtorno de ansiedade social em crianças e adolescentes**. Archives of Clinical Psychiatry, São Paulo – SP. 2007, v. 34, n. 3, pp. 125-132. Acesso em 18 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000300004>.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. I Seminário Nacional – Currículo em movimento, Belo Horizonte, novembro; 2010.

LUGLE, Andreia Maria Cavaminami. MAGALHÃES, Cassiana. **O papel do estágio na formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental**. 4ª. edição revista eletrônica pro-docência/uel. edição nº. 4, vol. 1, jul-dez. 2013. issn 2318-0013 - Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>.

MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2015.

MOREIRA, Herivelto, CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP& A; 2006.

NAKAMURA, Eunice; SANTOS, José Quirino dos. **Depressão infantil: abordagem antropológica**. Revista de Saúde Pública. 2007, v. 41, n. 1, pp. 53-60. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006005000011>.

OLIVEIRA, Vinicius Machado de; SOUZA, Juliano de. **A infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de norbert elias**. Educação em Revista [online]. 2018, v. 34, e186748. Acesso em 22 de Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698186748>.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**; tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 25. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira et al. **Representações sociais da depressão no contexto escolar**. Paidéia, Ribeirão Preto – SP. 2007, v. 17, n. 38, pp. 417-430. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000300011>.

ROAZZI, Antonio et al. **O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças**. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2011, v. 24, n. 1, pp. 51-61.

Acesso em 18 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000100007>.

RODRIGUES, Isabelle Ortigosa et al. **Sinais preditores de depressão em escolares com transtorno de aprendizagem.** Revista CEFAC. 2016, v. 18, n. 4, pp. 864-875. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201618421015>.

SANTOS, Patricia Leila dos. **Problemas de saúde mental de crianças e adolescentes atendidos em um serviço público de psicologia infantil.** Psicologia em Estudo. 2006, v. 11, n. 2, pp. 315-321. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200010>.

SCIVOLETTO, Sandra; BOARATI, Miguel Angelo; TURKIEWICZ, Gizela. **Emergências psiquiátricas na infância e adolescência.** Brazilian Journal of Psychiatry. 2010, v. 32, suppl 2, pp. S112-S120. Acesso em 17 de Setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462010000600008>.

SILVEIRA, Carmem Lúcia Albrecht da; LAUER, Munir José; ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. **O sentido do brincar e do jogar na infância como fundamentos para a construção da democracia social.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2021, v. 102, n. 262, pp. 787-801. Acesso em 22 de Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i262.4175>.

TEODORO, Maycoln L. M; CARDOSO, Bruna Moraes; FREITAS, Ana Carolina Huff. **Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes.** Psicologia: Reflexão e Crítica. 2010, v. 23, n. 2, pp. 324-333. Acesso em 17 de Setembro de 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200015>.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A** - Projeto de estágio.



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS SERTÃO

**Disciplina:** Estágio Supervisionado III.

**Docente:** A. P.

**Discentes:** A. S.; J. S.; J. A..

### PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

#### 1. Contexto

A escola está localizada no Alto Sertão Alagoano, na cidade de Delmiro Gouveia - AL, ofertando os níveis de ensino Educação Infantil e Fundamental I, nos turnos matutino e vespertino. A cidade, que inicialmente foi nomeada “Pedra”, constituiu-se a partir de uma estação da estrada de ferro da então conhecida Great-Western. A denominação Pedra veio de grandes rochas que existiam junto da estação. O fundador, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, chegou à região, vindo de Recife – PE, em 1903 e se estabeleceu no local vendendo couros de bovinos e peles de caprinos. Em 1914, ele instalou uma fábrica de linha com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil, atraindo para a região muitos moradores e trazendo o desenvolvimento. Em 1921, Delmiro Gouveia conseguiu dotar o lugar de energia elétrica e água canalizada, vindos da cachoeira de Paulo Afonso-BA, formando assim a vila operária que recebeu o nome de a “Pedra de Delmiro”. A história registra como fato importante a visita do Imperador D. Pedro II à cachoeira, datada de 20 de outubro de 1859 e assinalada por um marco de pedra, erguido no local. Em 1938 foi criado o distrito com o nome de Pedra, que em 1945 passou a ser denominado de Delmiro Gouveia – AL em homenagem ao seu fundador, e somente em 1952 se tornou município, desmembrado da cidade de Água Branca – AL e tornando-se independente.

2. **Tema:** Meu lugar no mundo: Trabalhando a socialização e o autoconhecimento através da ludicidade.

**Justificativa:** Através das observações realizadas em sala de aula na Escola Municipal de Educação Básica, durante os períodos de observação e coparticipação, foi detectada a necessidade da inclusão de atividades lúdicas, que estimulassem os estudantes em seu cotidiano escolar. Durante este período a escola alterou sua rotina para preparar os estudantes para a Prova do SAEB que ocorrerá no dia 25 de novembro de 2021. Desde então, as aulas aderiram o foco das disciplinas de português e matemática que embora sejam aulas muito enriquecedoras em relação aos conteúdos, acabaram possuindo um caráter um tanto monótono, fazendo com que alguns estudantes perdessem o interesse sobre as mesmas. Com a permanência dos estagiários em sala de aula, foi possível notar que as crianças mais desempenho e participação, pois os mesmo buscavam métodos e estratégias para tornarem aulas mais divertidas. Deste modo, evidencia-se a necessidade da realização de atividades que utilizem o lúdico como meio de estímulo em sala de aula, pois assim os estudantes podem aumentar o desempenho na participação das atividades e no envolvimento com os conteúdos. Com este projeto, as crianças também serão capazes de desenvolver diversas características, competências e habilidades através das atividades propostas. Outro ponto despertado por meio da interação entre estagiários e estudantes foi a percepção de uma situação frequentemente presente na turma, que de certo modo permanecia distante do conhecimento da professora e dos pais e cuidadores responsáveis pelos estudantes. Os estagiários perceberam através de alguns episódios que algumas crianças estavam sendo vítimas de bullying por um determinado grupo de demais crianças, em que as mesmas ainda acabavam sendo excluídas de possível socialização em turma. Em um primeiro episódio, foi aconselhado por meio do grupo praticante do bullying, para uma das estagiárias, que ela mantivesse distância de uma determinada criança, pois esta possuía piolhos, seguindo da afirmação de que ninguém devia chegar perto dela. Em um episódio posterior, em umas das aulas ocorreu um passeio de visita ao Circo Xangay, que estava de passagem pela cidade de Delmiro Gouveia – AL. Durante a organização para acesso ao transporte de locomoção ao local, uma das crianças começou a chorar, afirmando não querer participar do passeio, no entanto a mesma foi convencida pelos estagiários a participar. Posteriormente foi descoberto que o grupo de crianças já apresentado afirmou que a criança não deveria ir ao passeio, pois ela não havia comprado o ingresso e ninguém queria a presença dela. A partir dessas situações, este projeto busca instigar uma

melhor interação e socialização entre os estudantes, com o tema “Meu Lugar No Mundo”, o mesmo ainda traz o propósito de ensinar aos estudantes sobre respeito, empatia e a reconhecer-se como indivíduos e como grupo, aceitando e convivendo com as diferenças dos demais.

### **3. Definições Dos Componentes Curriculares:**

**Língua Portuguesa:** Adjetivos, locução adjetiva, verbos, interpretação de texto;

**Literatura:** Leitura de Fábulas;

**Matemática:** Probabilidade, estatística e formas geométricas;

**Arte:** Música;

**Ciências:** Cuidados essenciais ao corpo humano;

**Educação Física:** Música e estimulação do corpo;

**Geografia:** Espaço geográfico e espacialidade;

**História:** Registro histórico - Patrimônios materiais e imateriais da sociedade;

**Ensino Religioso:** Respeito e diversidade religiosa.

### **4. Objetivo Geral**

O objetivo deste projeto consiste em utilizar a ludicidade (jogos, brincadeiras, desenhos, dinâmicas e elementos infantis) para estimular os estudantes a conhecerem melhor sua realidade, pessoal e local, otimizando seu desempenho nas aulas, desenvolvendo sua autonomia e senso de equipe.

### **5. Nível de ensino:** Ensino Fundamental I (5º Ano)

### **6. Tempo de Aula:** 40 minutos para cada aula.

**APÊNDICE B** – Planos de aulas das três brincadeiras abordadas na análise dos dados.

**Escola:** Escola Municipal de Educação Básica...

**Professora Supervisor:** C. C.

**Estagiários:** A. S., J. S. e J. A.

<b>Turma:</b> 5 <sup>a</sup> ano A	<b>Ano Escolar:</b> 2021
<b>Componente Curricular:</b> Matemática – Probabilidade e estatística.	<b>Data e horário da aula:</b> 09/12/2021 - 07h00m. 13/12/2021 – 07h00m.
<b>TEMA DO PROJETO: Meu lugar no mundo: Trabalhando a socialização e o autoconhecimento através da ludicidade.</b>	
<b>Conteúdo/unidade temática</b>	
<p>Conceitos de probabilidade e estatística;  Calculando a probabilidade estatística;  Analisando gráficos e tabelas;  Entendendo a probabilidade e a estatística através de problemas;</p>	
<b>Objetivos (habilidades BNCC)</b>	
<p><b>(EF05MA22)</b> Apresentar todos os possíveis resultados de um experimento aleatório, estimando se esses resultados são igualmente prováveis ou não.</p> <p><b>(EF05MA23)</b> Determinar a probabilidade de ocorrência de um resultado em eventos aleatórios, quando todos os resultados possíveis têm a mesma chance de ocorrer (equiprováveis).</p> <p><b>(EF05MA24)</b> Interpretar dados estatísticos apresentados em textos, tabelas e gráficos (colunas ou linhas), referentes a outras áreas do conhecimento ou a outros contextos, como saúde e trânsito, e produzir textos com o objetivo de sintetizar conclusões.</p>	
<b>Desenvolvimento</b>	
<p>De início será realizado uma revisão sobre o que é a probabilidade e estatística. Neste momento o foco será o desenvolvimento teórico, em que escreveremos o assunto na lousa e após será feita a explicação, envolvendo a criança, esclarecendo as dúvidas das mesmas. Ao longo da revisão faremos perguntas de conhecimento prévio para as crianças.</p> <p>Em seguida, resolveremos junto com a turma alguns problemas sobre probabilidade e estatística, para que as crianças aprendam na prática o assunto. Para este momento, levaremos para a aula uma roleta numérica e questões numeradas de acordo com os números presente na roleta. Serão sorteados alunos para ir até a frente da sala, girar a roleta e ajudar na resolução das questões. Os problemas envolverão questões sobre eventos aleatórios, gráficos, tabelas, entre outros. O intuito é ensiná-los a calcular a probabilidade e analisar gráficos e tabelas.</p> <p>Logo após, será realizado o jogo “Eu penso sobre Bullying”. Para a atividade, a turma será dividida em 5 equipes. O jogo consiste em um circuito impresso, em que possuem casas com frases sobre bullying, respeito às diferenças, autoconhecimento, pegadinhas, etc. Para ir do</p>	

início até a chegada, os participantes precisarão resolver problemas de matemática sobre a probabilidade e estatística. Os problemas serão entregues as equipes em forma de cartas, que juntamente com a questão terá a quantidade de casas que o participante poderá avançar. Por sua vez, só poderá avançar as casas o participante que acertar a questão, em caso de erro, perde a vez na rodada. Vence o aluno que alcançar a chegada primeiro.

Ao final da atividade faremos perguntas aos alunos sobre o que eles aprenderam com a dinâmica e passaremos uma atividade para casa, para que eles possam exercitar o que aprenderam sobre o conteúdo.

#### **Avaliação**

A avaliação ocorrerá de forma processual, considerando a participação dos alunos na dinâmica e nas indagações realizadas ao final da atividade.

#### **Recursos**

Piloto para quadro branco, roleta numérica, questões impressas para a roleta, impressão com o jogo de circuito, questões impressas para o jogo.

**Escola:** Escola Municipal de Educação Básica...

**Professora Supervisora:** C. C.

**Estagiários:** A. S., J. S. e J. A.

**Turma:** 5º ano A

**Ano Escolar:** 2021

**Componente Curricular:** Ens. Religioso – **Data e horário da aula:** 10/12/2021 – 07:00hrs.  
Empatia

**TEMA DO PROJETO: Meu lugar no mundo: Trabalhando a socialização e o autoconhecimento através da ludicidade.**

#### **Conteúdo/unidade temática**

Consciência coletiva: Respeito e solidariedade com o próximo;

Diversidade religiosa.

Reconhecendo, identificando e respeitando os sentimentos, os valores, a diversidade e os saberes de cada indivíduo.

#### **Objetivos (habilidades BNCC)**

**(EF05ER01)** Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória.

#### **Desenvolvimento**

No primeiro momento explicaremos o tema da aula e faremos perguntas de conhecimento

prévio aos alunos. Em seguida apresentaremos um vídeo sobre a diversidade religiosa e após o vídeo, retornaremos com as perguntas de conhecimento prévio, desta vez envolvendo o entendimento sobre o vídeo. Serão feitas perguntas como: vocês conhecem outras religiões além das que vocês seguem? Vocês sabiam que existiam todas essas religiões que vimos no vídeo? Logo após explicaremos o assunto programado para a aula.

No segundo momento faremos a brincadeira “Cobra-Cega”, a brincadeira consiste em uma atividade de cooperação e trabalho em equipe, em que dois alunos serão selecionados para a realização da mesma. Estes representarão dois personagens, um “cego” e um “guia”, sendo posicionado em pontos diferentes da sala. Entre os participantes, existirá uma pista com diversos obstáculos, em que o “cego”, com uma venda nos olhos, terá que atravessar sem esbarrar nos obstáculos, podendo contar com a ajuda do “guia” para encontrar o caminho até a saída. O “guia” não poderá tocar no “cego”, podendo ajudá-lo somente com a sua voz. Além dos obstáculos, os estagiários solicitarão que os demais estudantes façam barulho para dificultar a interação entre o “cego” e o “guia”.

Ao final da brincadeira faremos perguntas para que as crianças expressem o que entenderam sobre a brincadeira e a aula. Logo após será passado uma atividade para casa. Para a atividade, será realizado um sorteio com os nomes dos alunos, cada aluno pegará um nome, semelhante à brincadeira do “amigo secreto”. Será solicitado que os alunos façam uma entrevista com o aluno sorteado, para que eles se conheçam e observem novas realidades. Os estagiários disponibilizarão um questionário através do grupo do whatsapp para auxiliá-los na produção das perguntas. Finalizando assim a aula.

### **Avaliação**

A avaliação será feita de forma processual e formativa: considerando a participação dos alunos na aula e na brincadeira e o desenvolvimento da atividade para casa e a pontualidade quanto à entrega.

### **Recursos**

Notebook, projetor de vídeo, aparelho celular, tecido e cadeiras.